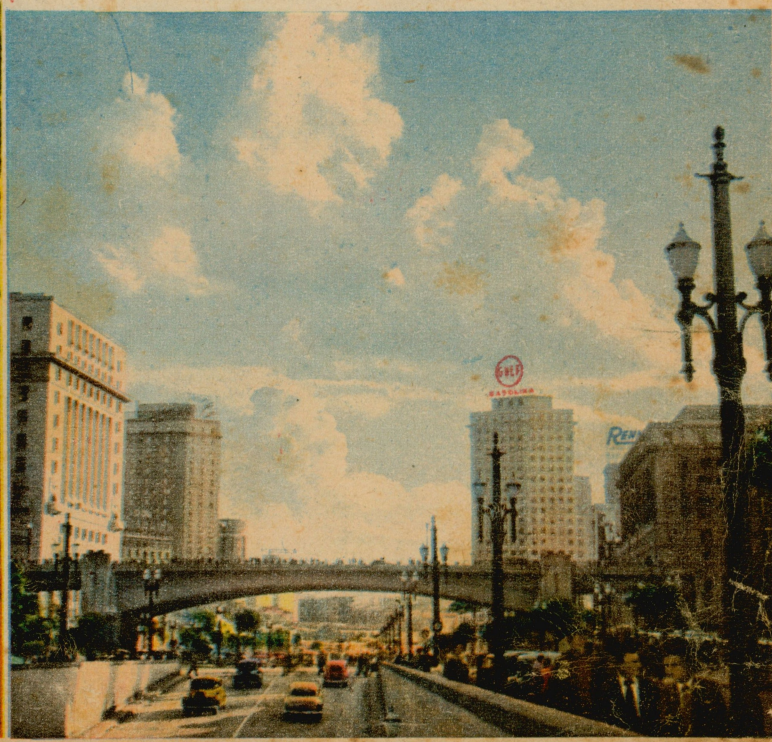


PH 2218-1

O mundo *Ilustrado*

A EPOPÉIA PAULISTA DE 32



Nº 75

ANO II

PREÇO CR\$ 3,00

7 DE JULHO DE 1954

RIO DE JANEIRO

FOTOS INÉDITAS DA REVOLUÇÃO

CARLOTA QUEIROZ, HEROINA DA REVOLUÇÃO



A contribuição da mulher paulista, no movimento constitucionalista, de 1932, foi inestimável. Cheias de fé, entusiasmo cívico e força de vontade, as senhoras da sociedade paulista trabalharam sem esmorecimento em prol da causa sagrada. Abandonando as comodidades domésticas e vindo para as ruas sofrer com os bravos que pugnavam por um Brasil melhor, a mulher bandeirante escreveu páginas e páginas na gloriosa história da revolução. A doutora Carlota Siqueira de Queiroz, dotada de invulgares predicados morais, verdadeiro símbolo da mulher paulista, teve atuação marcante durante os agitados dias em que viveu o grande estado da União. Trabalhando como um mouro dia e noite, a doutora Carlota tornou-se famosa e respeitada. A sua ação na retaguarda foi notável. Mercê da dedicação e elevado espírito de solidariedade humana, a heroína bandeirante deu início, no Brasil, de forma efetiva, aquilo que hoje chamamos de Assistência Social. Hoje, passados tantos anos, a doutora Carlota de Queiroz ainda é citada, em todo o Brasil, como um exemplo de abnegação, espírito combativo e solidariedade humana.



EXPEDIENTE

O MUNDO GRAFICA E EDITORA S.A.

Presidente:
GERALDO ROCHA

O MUNDO ILUSTRADO

Rua do Riachuelo, 114 - Tel: 52-8106
Rio de Janeiro — Brasil

Diretor:
MAURO SALLES

Secretário:
ARMANDO DE BRITO

Gerente:
ARNALDO MADURO

Publicidade:
LUIZ PERRONE e ANTONIO TORRES

SÃO PAULO:
Distribuição e venda avulsa: Agência Polano - R. João Bricola, 32, loja

RIO GRANDE DO SUL:
Distribuição e venda avulsa: Salvador La Porta Rua 7 de Setembro, 723 — Porto Alegre.

ASSINATURA ANUAL

NA CAPITAL: Cr\$ 140,00
6 meses Cr\$ 75,00

NOS ESTADOS: Cr\$ 150,00
6 meses Cr\$ 80,00

NO EXTERIOR: Cr\$ 240,00
6 meses Cr\$ 130,00

NÚMERO ATRASADO

Por exemplar Cr\$ 5,00
Por via aérea mais Cr\$ 1,00

SUMÁRIO DESTA EDIÇÃO

♦ A Epopéia Paulista de 32	4
♦ Preparação Cívica da Revolta	6
♦ O Povo em Armas	10
♦ Revolucionários Mirins	17
♦ O Mapa da Batalha	24
♦ O Epílogo	27
♦ A Semana que Passou	35
♦ Modas	36
♦ Pio X No Livro dos Santos	38
♦ A Marinha na Fronteira	42
♦ Memórias de Geraldo Rocha	45
♦ Miss Brasil	47

NOSSA CAPA

Vista e armas de São Paulo são os motivos das fotos que ilustram a capa de «O MUNDO ILUSTRADO», numa homenagem ao grande Estado bandeirante no momento em que comemora o 9.º julho e o seu Quarto Centenário de Fundação. Em nossa próxima edição estaremos comemorando as festividades comemorativas da epopéia paulista, de 32, realizadas em São Paulo, como um preito de homenagem aos bravos que tomaram na defesa da constitucionalização do Brasil. (Ektachromes de Mauro Salles)

AVISO

Antônio Tabarelli, nenhuma ligação tem com esta Empresa, e este fato levamos ao conhecimento público para os devidos efeitos.

TRADIÇÕES DEMOCRÁTICAS DE SÃO PAULO

AS tradições democráticas de São Paulo se tornaram tão arraigadas que o povo bandeirante não pôde, por mais tempo, suportar o jugo ditatorial que lhe impunha a ditadura implantada pelos aproveitadores, que se eternizavam no governo, após o movimento vitorioso de 1930. Os ideais de liberdade, implantados por Silva Jardim, Campos Salles, Bernardino de Campos, Júlio de Mesquita e outros pioneiros da República, não podiam subsistir, abafados como se encontravam pela opressão dos triunfadores do dia, que não admitiam opinião divergente do seu credo totalitário. Crescia, dia a dia, a agitação, até chegar a um ponto em que ninguém mais queria suportar a opressão, explodindo a revolta que empolgou, desde logo, todos os confins do Estado. Ocorreram os primeiros conflitos na capital e todo o povo passou a ser empolgado pelo sentimento de revolta, que, sem organização, explodiu em todos os recantos de São Paulo, como um movimento quase espontâneo da indignação popular. Pode-se afirmar que o movimento revolucionário não teve chefes e foi um gesto de revolta puramente instintivo, em um povo desabitado a suportar tiranias. O Coronel Euclides Figueiredo, um dos oficiais mais briosos do nosso Exército, conhecido pelo seu devotamento à causa democrática, que se achava em 1930 servindo nas fronteiras do sul, não tendo aderido ao movimento revolucionário, tornou-se um dos chefes

mais acatados no primeiro momento, sendo logo depois substituído pelo general Bertoldo Klinger, que se encontrava, então, no comando da guarnição de Mato Grosso, de onde veio assumir o comando geral da revolução. São Paulo tratou, imediatamente, de se organizar para resistir ao ataque de todo o Brasil, que, dominado pela ditadura, não recusara o seu concurso para abafar os anseios dos patriotas que lutavam pela volta de um regime normal consentâneo com as tradições costumeiras de nossa pátria. A luta passava a ser desigual, mas o ardor e o entusiasmo dos paulistas fugia a todos os raciocínios. Faltavam a São Paulo recursos bélicos de toda a ordem, mas o patriotismo dos paulistas supria essas necessidades. As fabricas foram mobilizadas trabalhando dia e noite para produzirem armas e munições. Faltou ouro para importações de utilidades bélicas do estrangeiro e o povo, conhecendo de tais necessidades, se privou de jóias e alcaias de toda a ordem, oferecendo até as alianças nupciais para constituírem reservas auríferas com que adquirir armas de luta no estrangeiro. Os atos de heroísmo e de abnegação se repetiram em todos os lares por todo o território do estado bandeirante e do mais rico ao mais pobre ninguém deixou de contribuir com a sua parcela para o triunfo da luta em que o Estado se empenhara, a fundo, pela salvação do Brasil. Não se tratava de uma luta se-

paratista, conforme procurava fazer crer a ditadura em defesa de sua causa antipática, mas sim de um movimento emancipador do Brasil, encabeçado por São Paulo, fiel às tradições democráticas, de que se imbuira em consequência dos postulados propagados pelos pioneiros da República. De São Paulo partiram as bandeiras, por cujo intermédio, durante a união de Portugal e Espanha, pioneiros audazes lançaram os fundamentos do nosso grande país, no nosso continente e, conscios das mesmas responsabilidades, os paulistas do século vinte reivindicavam o restabelecimento das fórmulas democráticas, suspensas pela ambição de fronteiriços, esquecidos das tradições que nos legaram os nossos antepassados. A revolução paulista porém, apesar de perdida, aparentemente, não deixou de produzir os frutos desejados. Pouco tempo depois de cessadas as hostilidades foi eleita uma constituinte e votados os termos de uma Carta Magna que, se bem que derogada pelo seu autor, foi também substituída por um novo instrumento constitucional que dura até nossos dias. Glória, pois, ao heróico povo paulista que soube morrer nas trincheiras, lutando para que subsista no Brasil um regime de ordem e de lei, imperando sobre o arbitrio de chefes autócratas que colocam os seus caprichos como suprema lei. São Paulo, mesmo perdendo, ministrou ao Brasil uma grande lição.

G E R A L D O R O C H A



A EPOPEIA PAULISTA D



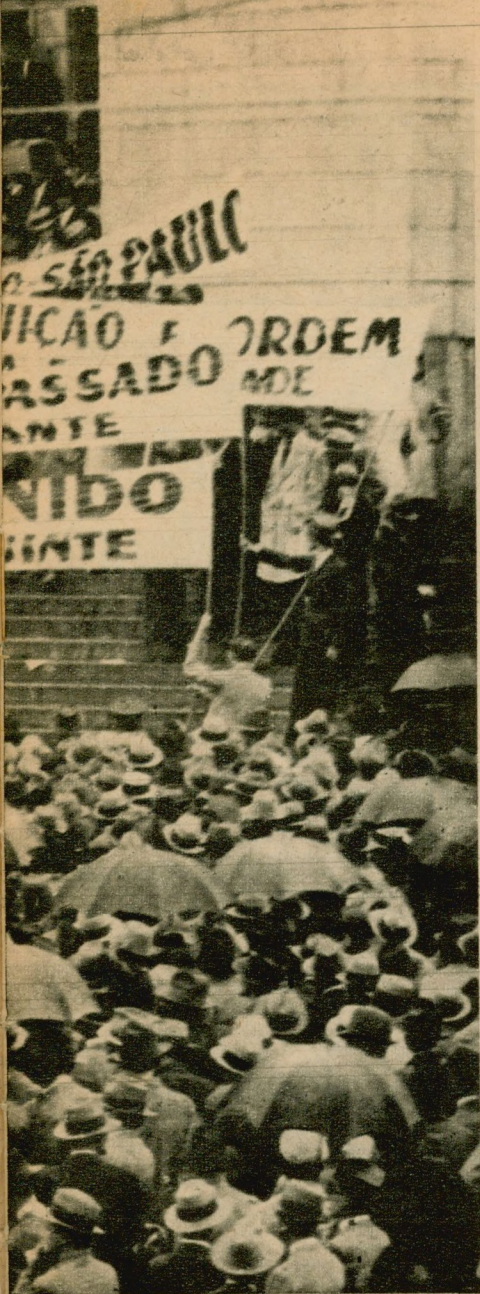
A caminho da morte, partiram os heróis paulistas.

São Paulo em péso levantou-se contra a opressão ditatorial e foi para as ruas da cidade O QUE FOI A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE SÃO PAULO — DO POVO BANDEIRANTE — UM SACRIFÍCIO QUE NÃO FOI EM VÃO — DE MESQUITA FILHO, AURELIANO LEITE E OUTROS GRANDES REVOLU DA MULHER PAULISTA — O HERÓI DO TUNEL — "O OURO PARA



Martins, Miragaia, Drauzio e Camargo, os mártires da Revolução. O entusiasmo cívico não

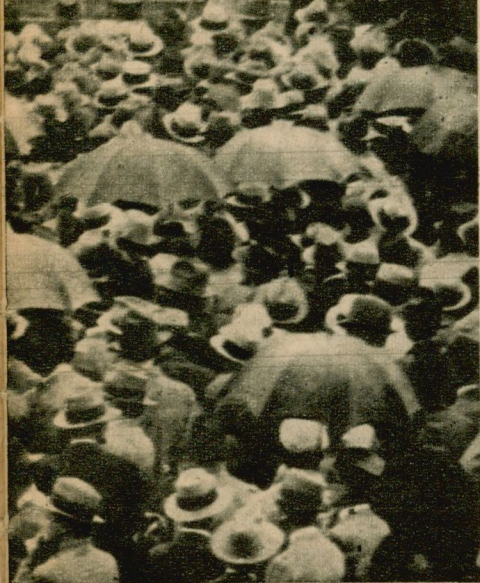




A bandeira paulista tremula no meio da entusiástica multidão.



As bandeiras do Brasil e de S. Paulo desfilam na Paulicéia.



Secando lágrimas com o pavilhão querido, símbolo da liberdade.



Debaixo de chuva torrencial, os ânimos não arrefeceram.

E 32



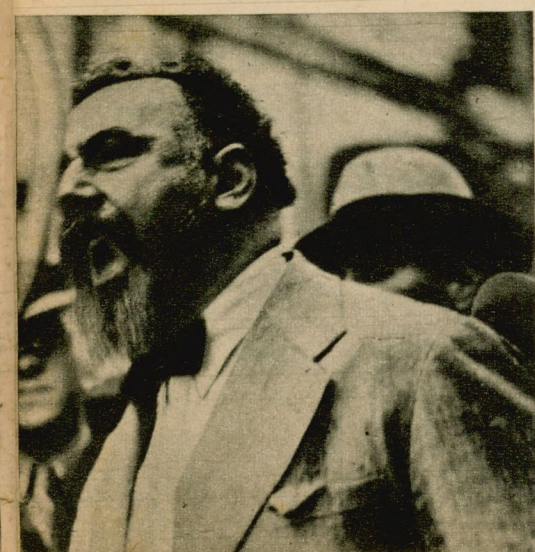
clamar pela libertação do país.
A BRAVURA E O HEROISMO
DEPOIMENTOS DE JULIO
CIONÁRIOS — O SÍMBOLO
A VITÓRIA"



Vibração, entusiasmo cívico, patriotismo, tudo na alma paulista.



O povo aguarda a palavra de ordem para iniciar a luta.



morreu, e nem morrerá nunca no paulista.

O Nove de Julho representa para São Paulo uma das mais gloriosas páginas da História do Brasil. Verdadeira epopéia cantada em verso e prosa pelos maiores poetas e escritores contemporâneos, aquela data, marco indelével de uma nova era no regime constitucional do país, tem em cada paulista um fervoroso e apaixonado adepto, sempre pronto a exaltá-la, situando-a no mesmo plano do Sete de Setembro.

Objetivando tão somente libertar a nação do jugo de uma ditadura odiosa e incompatível com a índole pacífica do ordeiro povo brasileiro, São Paulo, num incontido assomo de revolta, lançou-se a uma empreitada vigorosa e sob todos os aspectos digna dos maiores encômos, que, se não vitoriosa no campo da luta, serviu para obrigar aqueles que se impunham pela força a restituir ao povo oprimido o direito de se manifestar livre e espontaneamente, através de seus representantes nas Câmaras Legislativas.

Não foi em vão que o solo sagrado de Piratininga foi regado com o sangue puro da mocidade bandeirante. A bravura, o desprendimento e o acendrado amor à liberdade fizeram do soldado paulista um guardião nobre e intransigente dos postulados democráticos, postergados, na época, pelos aproveitadores mesquinhos que se eternizavam no poder, embora a contragosto do povo brasileiro.



Eles se mostram orgulhosos, enrolados nas duas bandeiras.



A colaboração da mulher paulista na campanha foi inestimável. Elas honraram a tradição.



Baquearam, é verdade, os soldados da liberdade, mas a sua queda serviu para obrigar aos que se locupletaram nos postos de mando do país a restabelecer o regime democrático, em que as liberdades individuais são respeitadas.

As lágrimas vertidas pela valente mulher bandeirante ainda permanecem na retina de quantos tiveram a ventura de testemunhar os episódios de valentia e bravura da mocidade paulista. Mães, irmãos, noivas, esposas e companheiros dos heróis que tombaram no campo da luta, hoje, quando lhes fala alguém sobre o que foi a epopéia paulista de 32, sorriem felizes porque sabem que o sacrifício de seus entes queridos não foi esquecido. E quando a força da saudade se sobrepõem ao orgulho e à fibra de quem sofreu com estoicismo e resignação, as cintilações das lágrimas furtivas que afloram aos seus olhos são o testemunho mudo e eloqüente de que nem tudo está perdido.

A semente lançada em São Paulo germinou. O brasileiro está convicto de que não pode nem deve aceitar o regime de exceção. Mais do que nunca ama a liberdade e faz questão dela fazer uso, embora às vészes erradamente.

Situando sempre em primeiro plano o nosso Brasil, os revolucionários de 1932 jamais alimentaram a idéia separatista, como procuravam fa-

Os voluntários se apresentaram imediatamente. Todos queriam combater pela causa da legalidade. Pela causa de São Paulo e do Brasil. Na foto, um contingente de voluntários da revolução de 32, constituído por índios. Eles demonstraram excepcional fibra em todos os combates.



O povo acorria às ruas abraçando e beijando os bravos soldados paulistas que partiam para lutar pela Constituição.

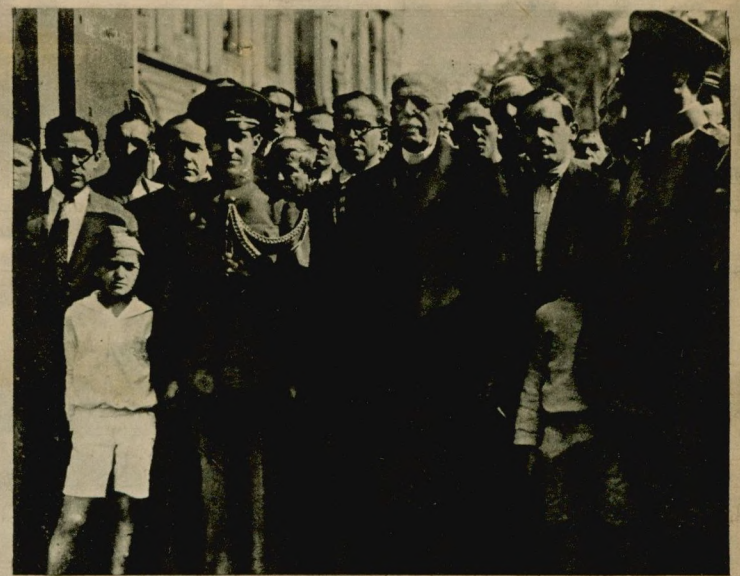
Desfilam os voluntários pelas ruas de São Paulo. O som do tambôr, marca o passo marcial dos bravos soldados.



A «legião negra», constituída por elementos de côr, revolucionários



No pátio da Faculdade de Direito de S. Paulo. Os jovens componentes do Batalhão Acadêmico da Faculdade de Direito.



O embaixador Pedro de Toledo assiste a um desfile de voluntários.



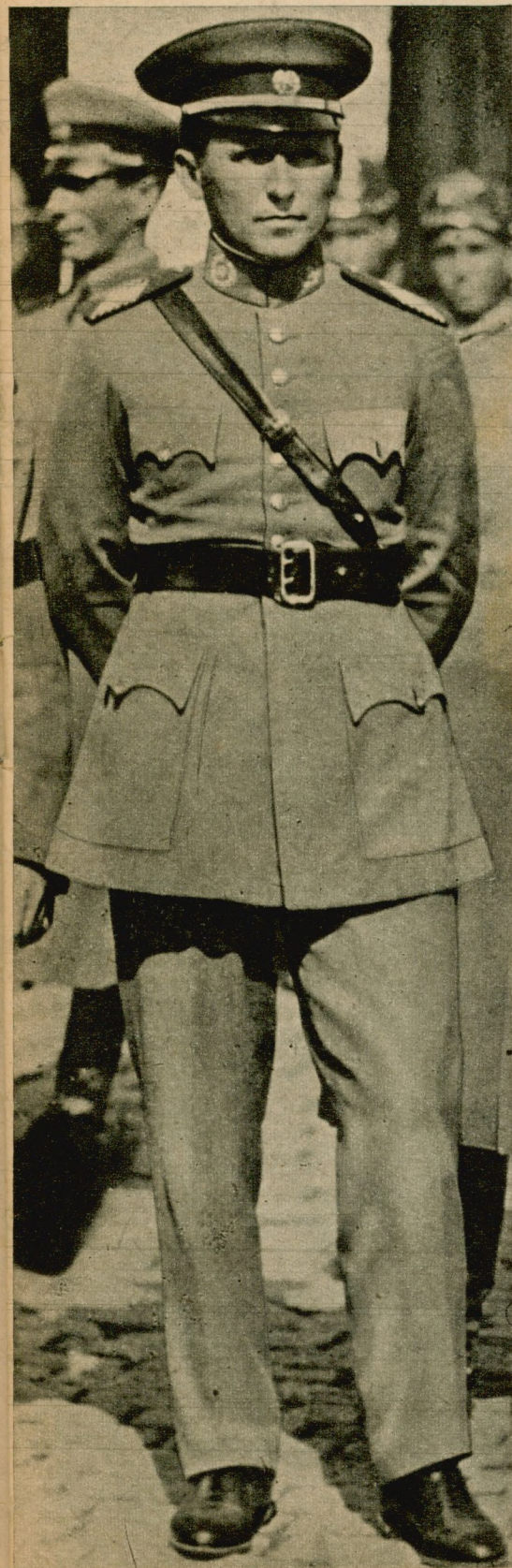
Os jovens se alistavam em grande número. Recebiam fuzis.



Desfilam, garbosos e altaneiros, os bravos defensores da Constituição.



Após alistados os jovens soldados combatentes aguardam o embarque nos trens.



Coronel Amílcar Salgado. Foi a primeira vítima.

zer crer os agentes da ditadura. Todo movimento constitucionalista se processou em torno do Pavilhão Nacional. As proclamações, os boletins, enfim, todos os impressos alusivos ao movimento continham palavras eloqüentes de patriotismo, de ideal sadio. São Paulo lutou por um Brasil melhor. São Paulo lutou contra a opressão e o livre-arbítrio. São Paulo foi grande porque sempre quis que o Brasil fôsse grande.

UM DEPOIMENTO

Júlio de Mesquita Filho, jornalista de escól, figura das mais respeitadas e acatadas da elite paulista, diretor do grande jornal matutino «O Estado de São Paulo», participante de todas as reuniões que precederam ao levante constitucionalista, pois em seu gabinete de trabalho se processaram as demarches entre os principais cons. piradores, foi por nós escolhido para prestar fiel depoimento sôbre o grande evento.

Antes de abordar, diretamente, a revolução prôpriamente dita, Júlio de Mesquita Filho fez questão de esclarecer que as comemorações do dia 9 de Julho vindouro ficarão consignadas, para sempre, nos anais da história de São Paulo, como mais um esforço da mulher bandeirante.



Em vários vagões seguem as tropas da revolução.



Os combatentes aguardam o trem para embarcar. O «front» os espera para a luta cruenta com os governistas.



Até jovens escoteiros, em seus uniformes peculiares participaram.



Grupo de oficiais e praças revolucionários, em São Paulo.



Uma senhora da sociedade galardoa uma bandeira do Brasil.



A cavalaria foi usada na campanha constitucionalista de 1932.



Calorosamente aplaudidos pela população, os combatentes deixam a cidade para iniciar a luta libertadora.

Atos de bravura e desprendimento pessoal foram encontrados a miúdo entre denodados revolucionários.

O padre despede-se dos soldados combatentes e abençoa a bandeira Nacional que irá acompanhá-los na luta.



O combatente mais idoso da revolução foi o porta-bandeira. Foi ele um dos primeiros a se apresentar.





As mulheres foram incumbidas de preparar o «rancho», colaborando efetivamente.



A hora do «rancho» é um momento agradável para todos. A luta dá apetite.

Um grupo de senhoras da melhor sociedade paulista decidiu dar maior evidência aos festejos da memorável data e procurou o necessário apóio daqueles que participaram, dessa ou daquela forma, da revolução. Não houve discrepância. Ricos, pobres e remediados, todos paulistas, imediatamente se puseram a trabalhar, no sentido de que tudo corra às mil maravilhas e que o nove de Julho do IV Centenário jamais seja esquecido.

Tudo está pronto. A cidade vibrará e a mocidade paulista de hoje terá uma rápida idéia do que foram os gloriosos dias vividos por São Paulo em 1932.

— Nunca houve em São Paulo quem alimentasse o sentimento separatista, afirmou-nos Júlio de Mesquita Filho, dando início ao seu depoimento sobre a revolução constitucionalista. O movimento se processou com o alevantado espírito de brasilidade. São Paulo, farto do caudilhismo do senhor Getúlio Vargas, decidiu, depois de muito sofrer, libertar-se do jugo odioso e, conseqüentemente, libertar a nação. Na sede do «O Estado de São Paulo» foram levadas a efeito as reuniões preparatórias. Homens como Cesário Coimbra, Antônio Pereira Lima, Paulo Duarte, Francisco Mesquita, Joaquim Celidônio dos Reis, Elias Machado, Antonio Carlos de Abreu Sodré e quase a totalidade dos membros do antigo Partido Democrático, entre eles Aureliano Leite e Joaquim Sampaio Vidal, sem esmorecimentos, dia e noite, confabulavam, procurando os meios mais práticos e eficazes que levassem S. Paulo à vitória rápida e gloriosa. Entregue a chefia do movimento ao pranteado general Izidoro Dias Lopes, este es-



Estabelecendo extensas linhas de trincheiras, os soldados revolucionários preparavam a segurança da campanha, dentro dos princípios de técnica.



Grupos de combatentes, já em pleno «front», num momento de folga na luta.



O abastecimento da tropa foi constante e eficiente. Os soldados foram alimentados.



Moços e velhos partiam para a luta certos da vitória. Muitos não voltaram

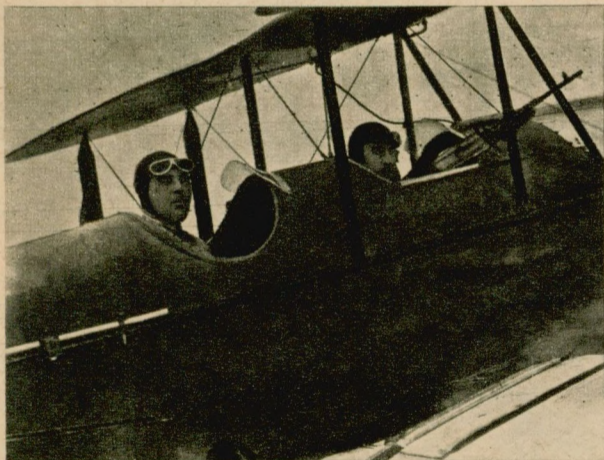
Do campo de Marte, partiram os aviões para bombardear as tropas da ditadura.

colheu, para seus auxiliares imediatos, a mim e ao falecido coronel Salgado, da gloriosa Fôrça Pública paulista. Também participavam das reuniões preparatórias os capitães Eliodoro da Rocha Matos e Odilon Aquino de Oliveira, oficiais brilhantes e que deram o máximo de seus esforços em prol do movimento revolucionário. Objetivando maior coordenação dos diversos setores aos quais estava afeto o contrôlo da revolução, decidiu-se a organização da chamada Frente Única dentro do Estado de São Paulo. Essa Frente Única consistia na reunião dos elementos que constituíam o antigo PRP e o Partido Democrático que representavam a grande fôrça de opinião do Estado. Na célebre reunião da qual resultou a homologação desta Frente Única ficou deliberada a constituição de uma comissão encarregada do preparo da ação militar propriamente dita. Pelo PRP foram indicados os srs. coronel Ataliba Leonel e o sr. Colriolano de Góis. Pelo Partido Democrático foi indicado o sr. Cesário Coimbra e eu pelo chamado grupo do «Estado de São Paulo». No dia seguinte levava-se a efeito a primeira reunião e eu fui



Crianças e meninos-moços trabalharam sem repouso na confecção dos capacetes.

nessa oportunidade designado para assumir a honrosa função de cordenador das fôrças militares. Daí por diante toda responsabilidade do movimento militar recaiu sobre os meus ombros. Investido dessas funções falei somente em nome de São Paulo e indiquei os comandos que chefiaram o movimento militar. Coube-me ainda, nessa altura, e em nome da Frente Única paulista, redigir, juntamente com João Neves da Fontoura, representante no Rio de Janeiro da Frente Única Riograndense, o Pacto Militar entre os dois Estados. Por êsse Pacto ficava estabelecido que três seriam os objetivos bélicos: 1.º — a mudança por parte do Governo Federal do comando da Região Militar do Rio Grande do Sul, que nessa altura, estava nas mãos do general Andrade Neves; 2.º — destituição do Governo Civil de São Paulo, chefiado por Pedro de Toledo, e do Secretariado imposto pelo povo paulista no dia 23 de Maio! 3.º — e este é o mais importante porque, à princípio impugnado por mim, o acabei aceitando em nome de São Paulo por ter sido considerado pelo general Flores da Cunha (então interven-



Os aviões revoltosos cruzavam os céus de S. Paulo.



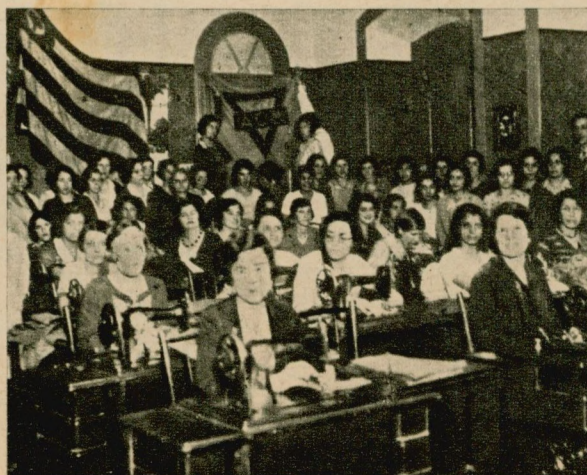
Garoto, ainda, alistou-se na Fôrça Aérea paulista.



Preparando planos para os ataques aéreos ao inimigo



As mulheres de São Paulo trabalharam a valer.



As damas da sociedade confeccionam uniformes.



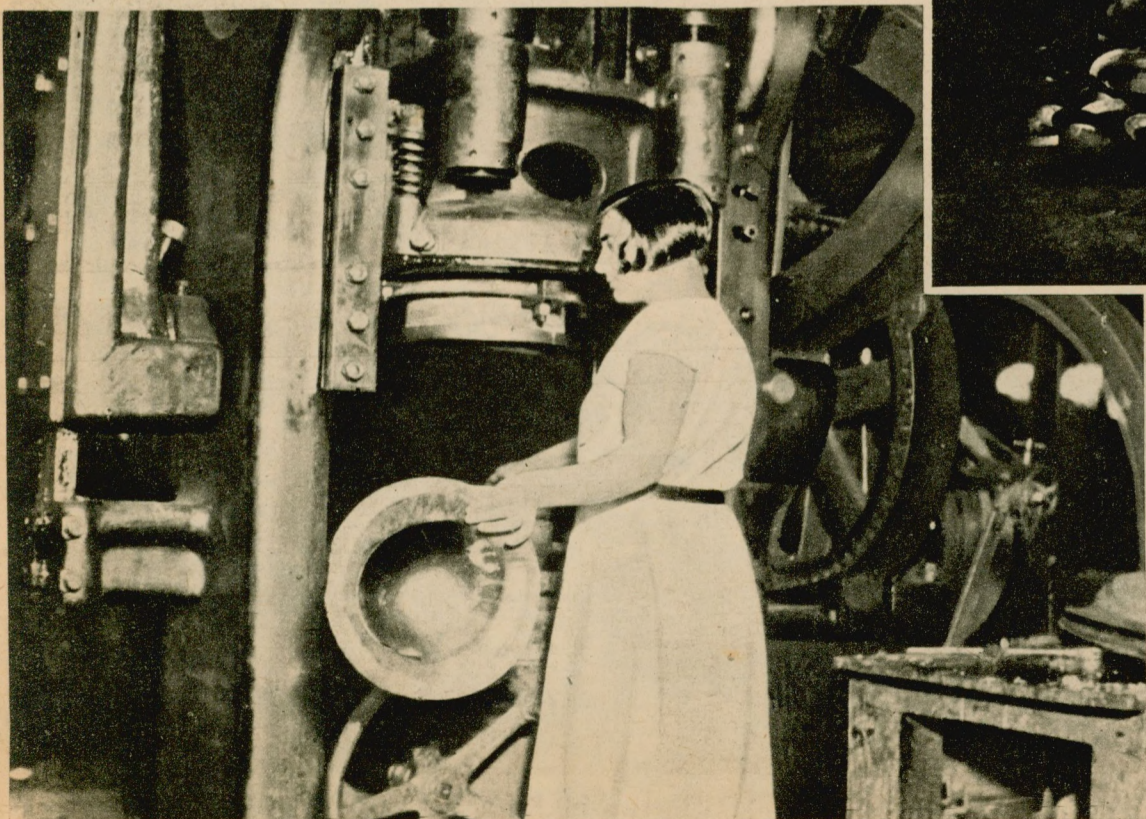
Com o pensamento voltado para a grande causa.



Nas fábricas de capacetes de aço, o grosso dos serviços era executado pelas senhoras e crianças. Esforço digno do maior destaque, da causa constitucionalista.

tor do Rio Grande do Sul) a sua aceitação como o penhor da entrada daquele grande Estado sulino na Revolução — que era a intangibilidade do comando de Mato Grosso nessa ocasião ocupado pelo general Bertoldo Klinger. E foi justamente a destituição desse comando que provocou a entrada imediata de São Paulo na luta da qual, infelizmente, o sr. Flores da Cunha não participou. Daí por diante, meu amigo, difícil se torna traduzir com fidelidade aquilo que se passou nos dias da Revolução paulista. Os atos heróicos, tão decantados ainda hoje pelos que acompanharam de perto e de viso a bravura e o estoicismo do povo paulista, por si só falam de sobejo, não necessitando pois de depoimentos individuais. De Mogi a Cruzeiro, no Túnel, em Silveira, enfim, em tôdas as frentes de combate, o paulista, lutando contra tôdas as vicissitudes, contando apenas com o apóio material restrito que lhe era fornecido e também com o formidável apóio moral que lhe deu a mulher bandeirante demons-

Mãos femininas acionavam a complicada engrenagem e a prensa não parou.



O resultado de um dia de exaustivo trabalho, pilhas de capacetes.

trou ao Brasil e ao mundo que quando se objetiva algo de nobre e elevado o sacrifício e o desconforto se esboroa na muralha intransponível da fé e da fibra. Citar, isoladamente, episódios heróicos da revolução de 1932, omitindo outros que ficaram no anonimato, menos por nossa vontade do que pela modéstia daqueles que os praticaram, seria odioso e injusto. Prefiro encerrar o meu depoimento afirmando que em 1932 o povo paulista, na sua ânsia de liberdade e olhando sempre o bem-estar do nosso querido Brasil, se lançou à luta com o intuito único e exclusivo de alijar do poder um Governo de exceção que tantos malefícios nos acarretava. Por isso, meu amigo, as comemorações de 9 de Julho, justamente no ano do quarto centenário de fundação de São Paulo, deverão ultrapassar a tôdas as expectativas. Reverenciar a memória daqueles que tomaram no campo da luta em prol de um ideal comum é praticar um ato de justiça que nos deixa bem com a nossa própria consciência. A data de 9 de julho não pertence somente aos paulista. E' uma data nacional.

AURELIANO LEITE

Nas vésperas das grandes comemorações do nove de julho,



Ao som de dobrados marciais as tropas revolucionárias desfilaram pelas ruas da capital paulista debaixo de estrondosa manifestação.

em São Paulo, ouvimos a palavra dos mais destacados revolucionários de 32. Aureliano Leite, advogado de renome, homem queridíssimo na terra de Piratininga, também prestou-nos valioso depoimento. «A razão principal da revolução de 1932 foi a reivindicação da autonomia paulista, que estava perdida e negada pela ditadura de Vargas. São Paulo, inteligentemente, quis atingir a sua autonomia através da reconstitucionalização geral do país. Daí o nome da revolução. A ação bélica dos paulistas foi das mais notáveis, não no

próprio sentido brasileiro, mas no mundial. Basta dizer-se que São Paulo lutou heróicamente três meses atendendo a que seu preparo foi improvisado, pois que nos faltavam armas, munições e soldados. Para provar a bravura e o denôdo do paulista, basta dizer-se que em certas frentes chegou-se a camuflar canhões e metralhadoras, improvisando-os com chaminés velhas. Para dar impressão ao inimigo de que a nossa artilharia estava bem municiada, fazíamos estourar «bananas» de dinamite. Esse truque forçava os aviões legalistas a des-

A cavalaria da Fôrça Pública paulista teve destacada atuação no «front». Ela se bateu heróicamente contra a ditadura.

O mais velho voluntario de 32. Embora alquebrado, fisicamente, este ancião não vacilou em abraçar a causa da revolução.





Em todos os momentos a mulher paulista animou os bravos que partiam.



Dia e noite, infantaria, cavalaria e demais armas seguiam para a luta.

carregar suas bombas sobre aqueles falsos canhões. Também motocicletas e matracaças eram utilizadas, para fingir rajadas de metralhadoras. Não havia quase munição. Nesse entusiasmo incontido toda a população válida de São Paulo se apresentou para pegar em armas. Há episódios dramáticos, heróicos e dignos de ser cantados por todos os poetas. O famoso túnel da Mantiqueira foi, a meu ver, onde mais se combateu. Sob o comando do bravo general Antonio Paiva de Sampaio uns poucos soldados resistiram heróicamente às constantes investidas do inimigo, cujo número ultrapassava os cinco mil. Um tiro preciso de canhão disparado por um grupo comandado pelo então major Ary da Rocha Nóbrega, sobre um parque de artilharia inimiga, salvou a revolução. Não fôra este fato, e o levante teria durado menos tempo. Quando se pediu o armistício e o então governador Pedro de Toledo foi deposto, passamos por momentos dolorosos. Os responsáveis pela revolução, que poderiam ter fugido para o exterior, aguardaram bravamente as represálias da ditadura. Fomos todos presos e deportados. O grande general Euclides de Figueiredo, juntamente com Saldanha da Gama e Paulo Duarte, e mais alguns civis, inconformados com o epílogo do movimento, saíram de São Paulo, a fim de reorganizar forças para continuar a luta. Tomaram um pequeno batelão e saíram mar em fora. Foram presos dias mais tarde, exaustos e famintos, numa praia deserta de Santa Catarina. O ódio de Vargas contra os revolucionários não se aplacou. Todos tiveram os seus direitos políticos cassados e foram postos num navio e mandados para o exílio. Ninguém se lastima, pois, São Paulo conseguiu o que desejava. O sangue paulista não correu em vão. Por tudo isto, tenho que as comemorações do nove de julho devem ser extraordinárias».



Soldados apresentando armas aos pavilhões gloriosos do Brasil e de São Paulo.



Seguem para a frente de combate os primeiros voluntários da revolução paulista.



Cada paulista válido era um soldado em perspectiva. Todos queriam combater.



Cadência firme e coração alegre marchavam para a morte ou para a liberdade.



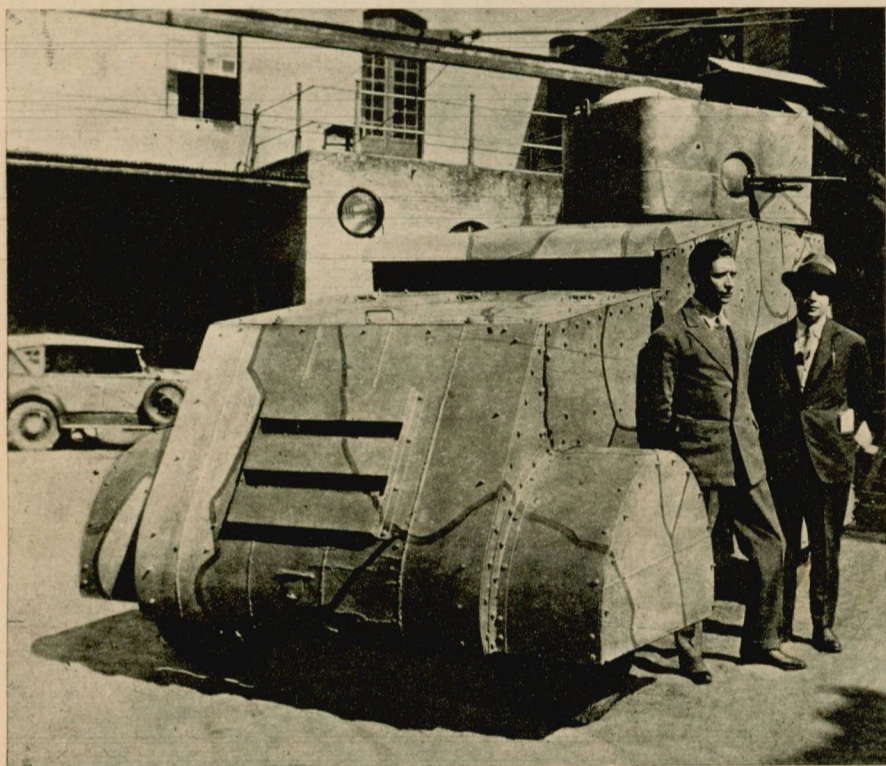
Novamente a gloriosa Força Pública. Homens valentes, patriotas, prontos para o pior.



O embaixador Pedro de Toledo e o general Klínger, figuras de realce no levante.



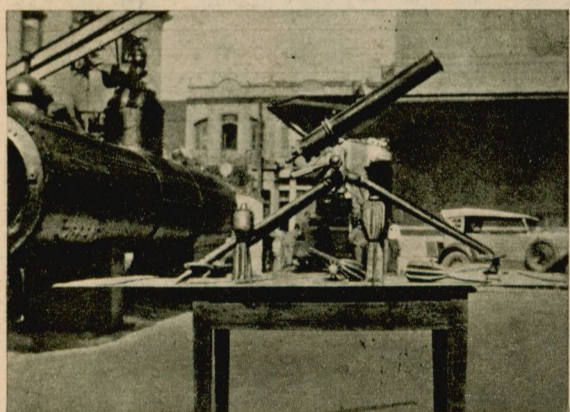
Ao centro, de braços cruzados, o gen. Euclides de Figueiredo, chefe do Setor Norte. ✕



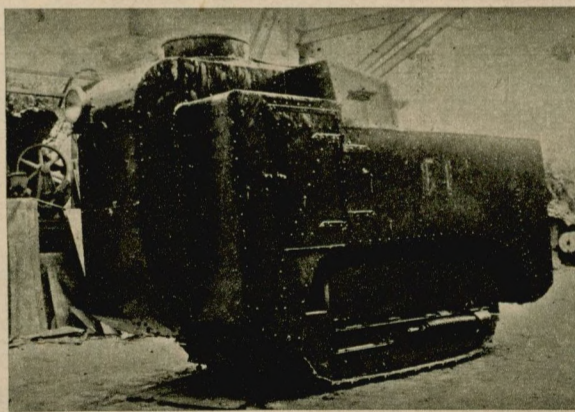
Carro blindado fabricado em São Paulo.



Um dos «Tanks» de São Paulo revolucionário. Entrou em combate efetivo. ✕



Tubo lança-morteiros usado nos campos de Piratininga.



Outro tipo de «tank» paulista usado nas ações.



Tropas acantonadas no pátio de uma vivenda.



São Paulo lutou por um Brasil unido e livre.

O HERÓI DO TÚNEL

Antonio Paiva de Sampaio é um bravo. Reimanescente de Canudos, valente como o que, o chamado herói do Túnel, embora nascido no Rio Grande do Sul, alistou-se nas fileiras revolucionárias logo na primeira hora do movimento. Neto do famoso general Sampaio, patrono da infantaria brasileira, valente cabo-de-guerra, herdou de seu avô as qualidades indispensáveis a um verdadeiro soldado. E esse homem extraordinário, hoje encanecido, cercado pelo respeito de seus concidadãos e pelo afeto de seus familiares, no aconchego de seu lar, entre o documentário irrefutável de seus feitos heróicos, volve a vista para o passado e nos fala.

«Depois da guerra do Paraguai e de Canudos, o maior episódio militar verificado no Brasil foi a resistência do Túnel. Dutra comandava cerca de sete mil homens e do lado de cá eu e meus bravos companheiros não éramos mais de dois mil e quinhentos. Sob verdadeiras chuvas de granadas e balas de fuzil passamos muitos dias e noites. Ninguém deu mostras de fraqueza. Severo Fournier, Saldanha da Gama e João Batista Prado escreveram, com sangue, no Túnel, lindas páginas de heroísmo. João Batista Prado, gravemente ferido, nas bascas da morte, ainda teve forças para me dizer: «São Paulo merece muito mais». Para dificultar o avanço dos comandados de Dutra colocamos na boca do túnel uma locomotiva. A tática foi eficiente e provocamos muitas baixas no inimigo. Os meus comandados eram assistidos, a todo instante, pelas damas paulistas. Que mulher extraordinária é a paulista! Cozinham, lavavam e cuidavam dos feridos. Sempre com um sorriso a bailar nos lábios fortaleciam o ânimo dos combatentes. Não posso, nem devo citar fatos isolados. Todos foram grandes. Magníficos soldados. Patriotas, valentes, aguerridos e humanos. Orgulho-me de ter comandado um pugilo de homens excepcionais. Perdemos



★ Entrega solene do Pavilhão Nacional às tropas revolucionárias. Vibração cívica.



Embaixador Pedro de Toledo, um dos líderes da revolução paulista de 1932.



General Izidoro Dias Lopes, comandante em chefe das tropas revolucionárias.

ESTADO MAIOR REVOLUCIONARIO



General Bertholdo Klinger, o grande táctico. Figura inconfundível da revolução.



o grande comandante em chefe do Setor Norte.



O coronel Palimércio de Rezende, do Estado Maior da 2.ª Região Militar.



O Dr. Júlio de Mesquita Filho, um dos mais destacados inspiradores de 32.



★ Grupo de oficiais revoltosos. Alguns já morreram.



Médicos da revolução cercam Júlio de Mesquita Filho.



Metralhadora anti-aérea feita em São Paulo.



★ A artilharia montada desfila garbosa ante a multidão.



Ainda sem farda preparam-se os voluntários.



Capitão Cupola experimenta um lança-chamas de fabricação paulista. Prestou bons serviços.



Alguns integrantes do Serviço de Saúde com a primeira enfermeira voluntária. Elas colaboraram muito na revolta.



Comandante Plaisant e o Estado-Maior do 13.º R. I. e Polícia paranaense.

quatrocentos e cinquenta homens. Homens na verdadeira acepção do vocábulo. Que Deus tenha suas almas sob sua santa guarda. O sacrifício desses heróis redundou em algo de benéfico para o Brasil. O objetivo foi alcançado e eu vivo feliz por isto».

UM SIMBOLO

Cabeça de neve, olhar cândido, fisionomia calma, o símbolo da mulher paulista continua a praticar o bem no seu recanto morno e acolhedor. Doutora Carlota Pereira de Queiroz! Quem não a conhece em São Paulo? Mulher vigorosa, física e moralmente. Apaixonada por seu torrão natal, não mede sacrifícios quando se trata de fazê-lo grande e respeitado. Teve o seu prêmio quando foi eleita deputada federal por São Paulo. Eis o seu depoimento:



Senhoras da sociedade paulista, costurando fardamentos para os revolucionários.



Desfila pelas ruas centrais da paulicéia o Estado-Maior da divisão de cavalaria. O povo aplaudia os bravos soldados da revolução.

PMB 2.2.18-9

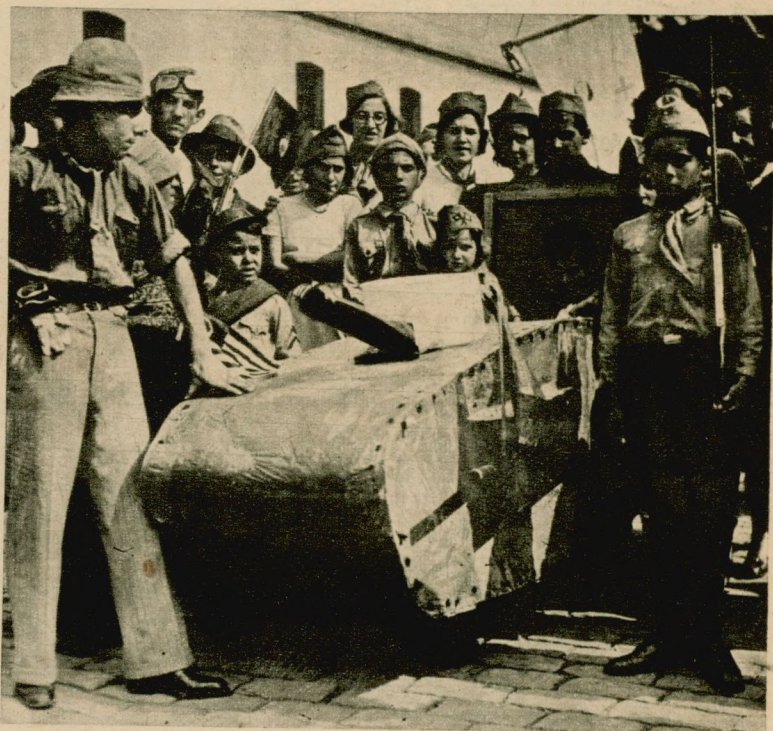
«A mulher paulista integrou-se imediatamente no movimento revolucionário. Compreendeu o alcance e percebeu a finalidade da revolução. Colocou-se na retaguarda. Não houve atividade de que não tivesse participado. Damas da melhor sociedade, até ao preparo do material bélico emprestaram colaboração eficaz. Os serviços, desde os mais grosseiros foram executados sem vacilações. Isto mostra que a mulher inspirou confiança aos mentores da revolução. Dentro de suas possibilidades lutou sem esmorecimentos. Até nas trincheiras ela esteve. D. Stela Sguassiaba alistou-se como voluntária. Pegou no fuzil e combateu. E' uma magnífica senhora de São João da Boa Vista. Coube-me a honra de dirigir o Departamento de Assistência aos Feridos. Iniciei, nessa oportunidade, o Serviço Social. As senhoras atuavam nos hospitais de sangue. O Departamento por mim dirigido fornecia o necessário aos soldados constitucionalistas. Também os mutilados eram devidamente amparados e recebiam conforto moral. Grandes dias vivemos! Quanta dedicação! O Brasil todo deve se orgulhar da Revolução paulista. As demonstrações de amor à nossa causa eram constantes e comoventes. Certa feita, uma senhora de côr, pobremente trajada compareceu ao Departamento e ofereceu-se para cooperar. Não tinha dinheiro para ajudar São Paulo, mas comprara um pacote de cigarros para os soldados. Era pobre, mas com sacrifício continuaria ajudando. Outra, também de origem modesta, pediu-me que a deixasse ajudar. Não sabia costurar, mas limpava o



Contagiada pelo entusiasmo reinante, a garotada desfilava pelas ruas.



Pequeninos oradores, nas praças públicas da grande metrópole, entusiasmavam o povo.



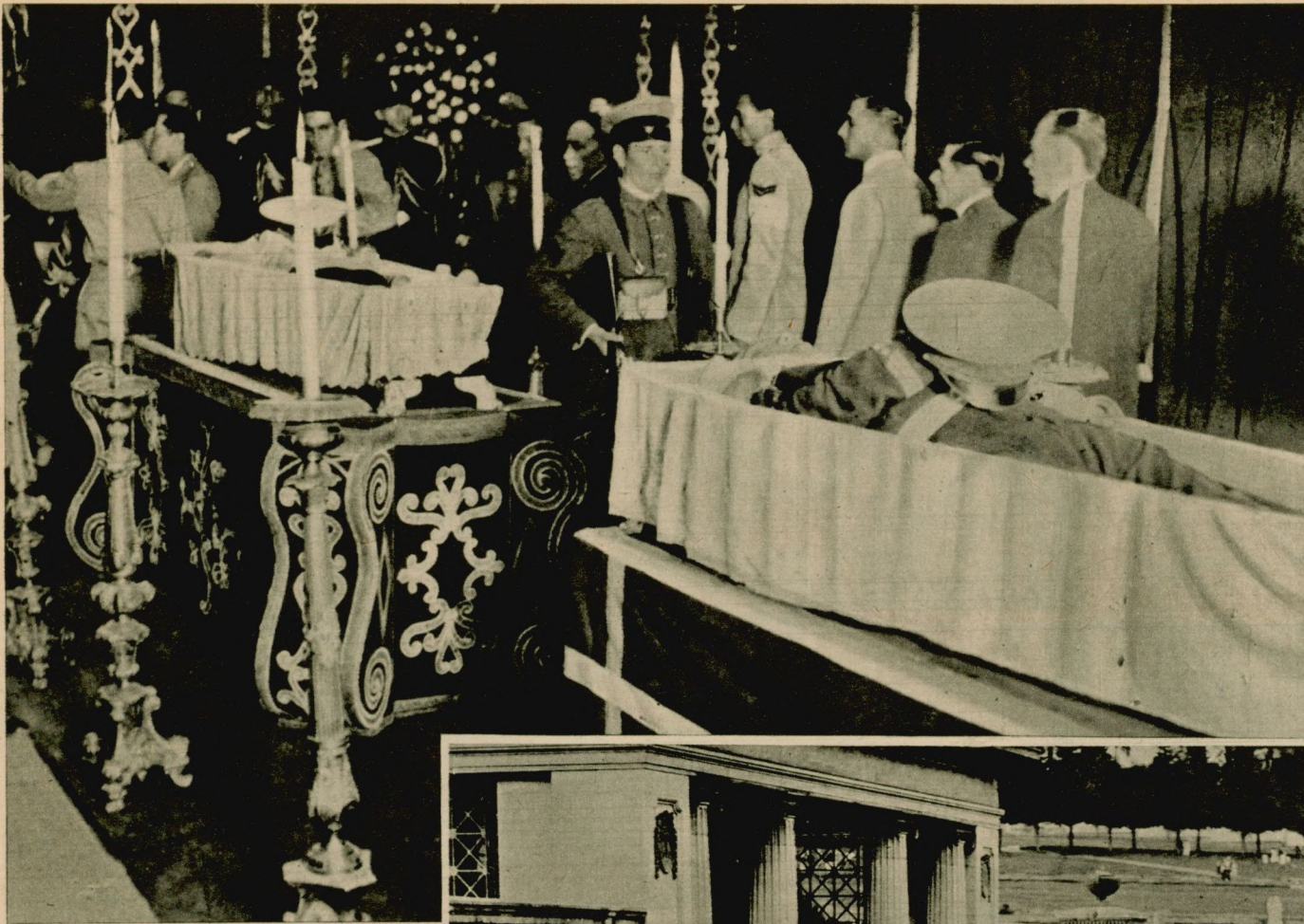
Um «tank-mirim» cruzava S. Paulo, levando a todos a mensagem de fé.



Os batalhões-mirim amenizavam um pouco as ansiedades da população paulista.



Hoje esses garotos são adultos. Pouco se lembram dos gloriosos dias.



Os corpos dos heróis Coronéis Salgado e Marciliano. Eles morreram quando experimentavam um tubo lança-granadas.

ção de bom grado. Meu jovem amigo, o Brasil precisa e deve conhecer bem a história da Revolução Paulista. É ela um grande manancial de ensinamentos para a juventude de hoje. As suas páginas gloriosas estão escritas com sangue, sangue de gente valorosa e patriota que se sacrificou por uma causa justa e nobre. Martins, Miragaia, Drauzio e Camargo não morreram em vão. MMDC significa tanto para São Paulo e para os paulistas, que difícil se torna dizer quanto. Morreram os quatro no dia vinte e três de maio, na Praça da República. No local em que tombaram varados pelas balas assassinas da ditadura floresce, hoje, uma civilização magnífica, onde o amor ao Brasil se sobrepõe a tudo e a todos.

O FAMOSO BATALHÃO ACADEMICO

O dr. Francisco Emigdio Pereira Neto, tesoureiro da Faculdade de Direito de São Paulo, é uma das figuras mais populares e queridas da grande metrópole paulista. Homem bonachão, simples e amigo de todos, Emigdio, como é mais conhecido, mercê atuação marcante e correta na Faculdade, fez-se credor da estima e da consideração da estudantada, que vive a assediá-lo à procura de

solução para os seus problemas de ordem particular. Emigdio também teve atuação de relêvo na Revolução, razão pela qual reservamos um cantinho nesta reportagem para o seu depoimento. «Tão logo estourou o movimento constitucionalista, formou-se, aqui, na Faculdade, o «Batalhão 14 de Julho», isto na madrugada do dia nove. O seu primeiro nome foi «1.º Batalhão Universitário Paulista» e o nosso batismo de fogo se verificou no dia 14, nas proximidades de Itararé. Fizemos todo o setor sul até o Rio das Almas. Combatemos até três dias após o armistício. O nosso batalhão, inicialmente, foi comandado pelo major Mário Rangel. Depois tivemos como chefe o major Cândido Bravo, hoje exercendo função de destaque na Força Pública. Tivemos sete mortos e grande número de feridos. Os estudantes paulistas foram bravos soldados e os seus feitos ainda são lembrados com exaltação por quem os conhece. São Paulo lutou por um ideal nobre e levantado. Perdemos a batalha, mas não a causa. Queríamos a Constituição e a tivemos. Morreu muita gente, porém o Brasil conseguiu se libertar e isto nos bastou. O túmulo do soldado desconhecido que erigimos no pátio da Faculdade, perpetuou o nosso reconhecimento pelo muito que fizeram por nós



Coberta com a Bandeira Brasileira, a urna com os cadáveres dos heróis do levante constitucionalista.



Coberta com a Bandeira Brasileira, a herma do saudoso Coronel Salgado.



Lágrimas vertidas pela mulher paulista sobre o corpo do herói Salgado.



Todo mundo se despojou de valores para ofertá-los a S. Paulo. Jóias de família, alianças e anéis de formatura, foram dados para que S. Paulo conseguisse a libertação.



Ouro para São Paulo!



Centenas e centenas de quilos de ouro doados pela população de São Paulo.



Até Santos de ouro foram entregues para a campanha financeira da causa.



Pesando a prataria para arranjar fundos para a Revolução Constitucionalista.



Sob o constante fogo da metralha da Revolução...



Os aviões legalistas eram abatidos constantemente.



Habilmente camuflados os revolucionários atacam o inimigo que foge aturdido.



«Tanks» feitos em S. Paulo, munidos de lança-chamas, destroem posição inimiga.

os heróis que tombaram no campo de luta. Orgulho-me de ter participado do movimento libertador. Nada tenho para legar a meus filhos a não ser a glória de ter combatido, de armas na mão, em defesa dos princípios de liberdade e de decência, que são o apanágio do povo de minha terra. São Paulo, como parcela deste imenso Brasil, quis, apenas, em 32, que a ditadura odiosa que nos oprimia tivesse fim. Não pensamos em nos separar do resto da União. O que os agentes da ditadura afirmavam, naquela ocasião, era fruto do maquiavelismo que caracterizava os mentores da Nação. Estamos satisfeitos, hoje, porque a Democracia, boa ou má, prepondera em nosso meio. Somos livres e temos

o direito sagrado de escolher, errada ou acertadamente, os nossos chefes».

AGRADECIMENTO

Antes de encerrarmos esta reportagem, queremos apresentar, de público, os nossos agradecimentos aos senhores Júlio de Mesquita Filho e Jorge Mancini, fundador e presidente da Associação dos Ex-Combatentes de São Paulo, pela colaboração inestimável que nos deram para a feitura do número especial de «O Mundo Ilustrado». Não fôra a boa vontade desses ilustres paulistas, não teríamos colhido o farto e sensacional material fotográfico que estampamos em nossas páginas.



Metralhadora anti-aérea abre cerrado fogo contra a aviação legalista.



Bem intrincheirados os soldados dão combate efetivo.



Em Guará, o bombardeio fez grandes estragos. Intenso combate terrestre e vitória dos paulistas.





Numa trincheira os combatentes estabelecem posição. Novos ataques partirão dali



Os paulistas usaram estratégia no combate, logrando o inimigo com manequins...



A infantaria avança, apoiada por carro de combate.



A artilharia infringiu pesadas baixas às tropas legalistas. O trabalho dos granadeiros foi bem feito.



Os municionadores preparam os projéteis para o tiro.



A aviação governnista atacava muito mas os rebeldes derrubaram várias aeronaves dos legalistas.

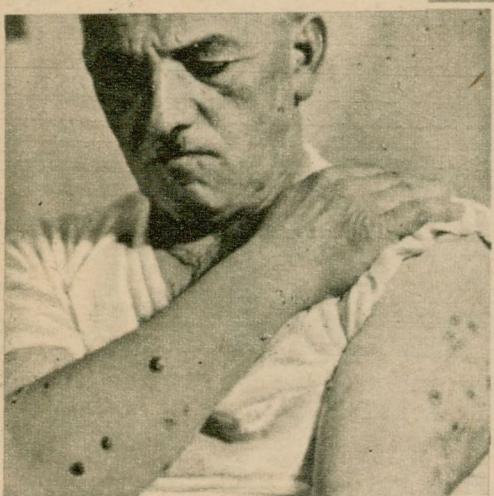


Soldados intrincheirados aguardam a ordem de fogo!

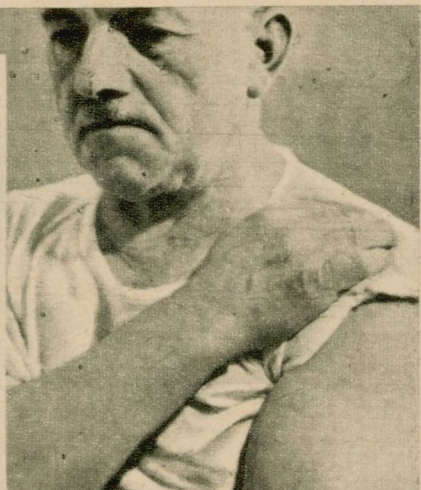


O inimigo recuava ante o cerrado tiroteio rebelde.

Nova Descoberta Suíça contra Eczemas, Furunculoses, Úlceras das pernas, Crostas de leite



Fotografia autêntica do Sr. J. B. de Zurique, portador de um eczema sobre todo o corpo, há mais de 20 anos, antes do tratamento com "F-Diva".



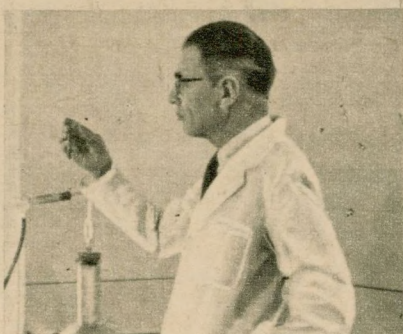
Fotografia autêntica do Sr. J. B. de Zurique, depois de um tratamento de 11 semanas, com "F-Diva".

A ciência já estabeleceu definitivamente que a falta na alimentação moderna de ácidos graxos não saturados (chamados também vitamina F), reduz a resistência natural do organismo contra as doenças da pele e pode conduzir a graves dermatoses.

Graças aos esforços de cientistas suíços de renome, esta carência em ácidos graxos não saturados e as doenças da pele dela resultante, podem ser inteiramente suprimidas.

Um medicamento Novo, Ativo e Natural para a saúde da pele

Um laboratório suíço conseguiu, após longas pesquisas, extrair de óleos de plantas selecionadas, ácidos graxos não saturados em uma concentração de 99%, substância conhecida mundialmente como Vitamina F-99 ("F-Diva", no Brasil). Graças a esta concentração, jamais atingida até o presente, a "F-Diva" é facilmente assimilável pelo estômago e absorvida pelo sangue, exercendo uma atividade decisiva na cura das doenças e lesões da pele.



Dr. W. Schmitz, descobridor desse tratamento.

O unguento age externamente sob a pele doente



As cápsulas agem internamente por via sanguínea

O Tratamento Combinado "F-Diva" deve ser usado simultaneamente, por via interna e externa. Enquanto o unguento F-Diva combate os sintomas visíveis da doença, as cápsulas (ou gôtas) exercem uma ação interna. F-Diva não é um medicamento sintético, mas um concentrado de substâncias nutritivas naturais, que a ciência reconheceu como vitais e indispensáveis à saúde da pele. O tratamento F-Diva é completamente inofensivo de tal maneira que pode ser, sem nenhum receio, administrado até às crianças.

Para adultos: (emb. vermelha) Cápsulas e unguento | **Para crianças:** (emb. azul) Solução (gôtas) e unguento

Para receber grátis ampla documentação a respeito, peça na sua farmácia ou basta mandar seu endereço:

Nome
Rua
N.º
Cidade Estado

Laboratório Diva do Brasil S. A.
Caixa Postal 2708 Dpt.º AQ
Rio de Janeiro (D.F.)

F-Diva
Fabricado sob licença da
Vitamina "F99"

Laboratórios Diva S. A. Zurique-(Suíça)

EP. F - 13

Agora também no Brasil em todas as Farmácias e Drogarias



Um avião legalista abatido pela artilharia anti-aérea dos revolucionários.



Em Cruzeiro, os ataques aéreos foram repelidos eficientemente.



Aspecto colhido após um bombardeio, na cidade de Guará.



Paulista posam para a posteridade. Enfim, tudo tinha terminado.

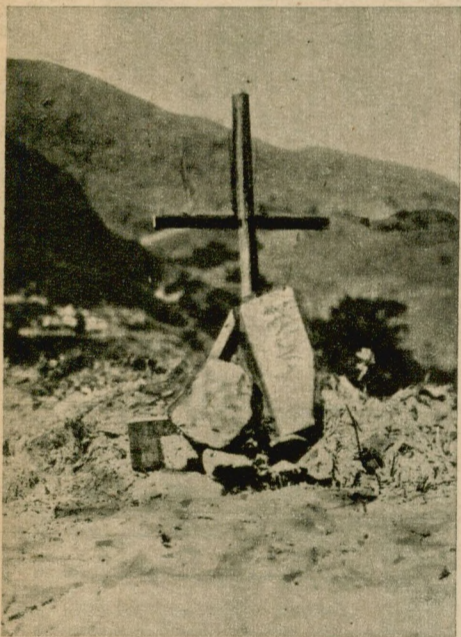
O EPILOGO DA REVOLUÇÃO

Como tôda epopéia a de 9 de julho também teve o seu epílogo. Num dia de novembro, de 32, a bordo do navio «Pedro I», do Lóide Brasileiro, foram embarcados com destino a Lisboa, os líderes da Revolução Constitucionalista. Lá estavam todos os chefes que lutaram bravamente à frente de patriotas entusiastas, pela reconstitucionalização do país. Militares e civis, unidos por um único e sacrossanto ideal — a redemocratização do Brasil — deixavam espôsa, mãe, filhos e

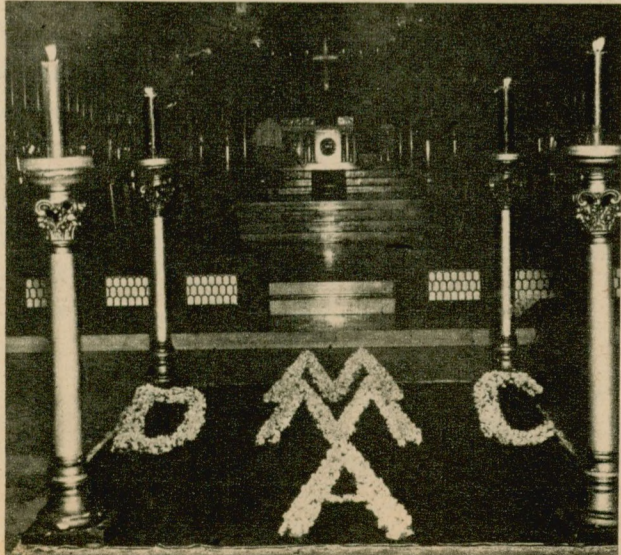


A legenda torna-se desnecessária.

amigos, mas não se curvaram por um instante às conseqüências dos seus atos. Ainda naquele mesmo mês num domingo, dia 27, numa modesta pensão da rua Branchamp n. 40, na capital portuguesa, reuniam-se o general Klinger e seus comandados, para ouvir a mensagem de confiança dos chefes políticos de maior prestígio no Brasil. Era seu portador, o Sr. Batista Luzardo. Trazia uma palavra de ordem: «Não devemos cruzar os braços diante da ditadura e do revés das nossas armas». Era mais uma centelha que se acendia, animando corações e revigorando consciências. Apenas uma centelha...

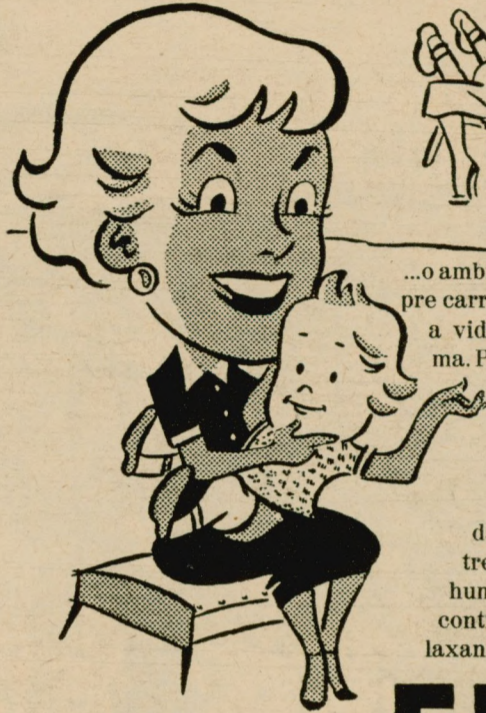


Sepultura de um herói tombado no campo da luta constitucionalista. Ele lutou bravamente para que o Brasil tivesse um governo que soubesse respeitar a liberdade do povo acima de tudo.



M. M. D. C. — Saúde! Exaltação! Patriotismo! Bravura! Heroísmo! Vibração! E' o que representaram aquelas quatro letras. Com elas foram escritas páginas imorredouras da História de um país que anseia por ser livre.

Eu Era do CONTRA



...o ambiente estava sempre carregado. Hoje não, a vida transcorre calma. Passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar - Livre da prisão de ventre, se gosa bom humor. Não seja "do contra" tome Eno, laxante e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

CRUZWALDINA

O DESINFETANTE DE MAIOR CONSUMO NO BRASIL COM MAIS DE 40 ANOS DE REPUTAÇÃO FIRMADA

V. S. deseja aprender a **ESCREVER PARA O CINEMA** por correspondência?

Preencha devidamente este cupão e envie-o para:

CURSO DE CINEMATOGRAFIA HOLLYWOOD

6715 HOLLYWOOD BLVD. — STÚDIO 293, Hollywood 28 — Califórnia, U. S. A.

Nome
Idade Profissão
Morador (a)
Cidade Estado

A CONSTITUINTE DE 1934



Com a proclamação da Constituinte a 16 de julho de 1934, o povo brasileiro colheu os frutos do heroísmo de São Paulo, na Revolução de nove de julho de 1932.



São Paulo, obediente aos princípios democráticos imbuídos no povo pelos pioneiros da República, teve a glória de ver coroados os seus esforços com a proclamação da Constituinte, que pôs fim, embora temporariamente, à ditadura, de novo implantada em 1937 e devidamente enterrada em 29 de outubro de 1945. Glória aos que sucumbiram lutando pelas liberdades pátrias. São Paulo, a 9 de julho de 1932, sagrou-se o estado líder do Brasil.





DR. FRANCISCO EMIGDIO: ... «Os estudantes paulista lutaram...»



DR. AURELIANO LEITE: ... «Sofremos muito, mas fomos bem recompensados»...

ÊSTES SABEM, E SABEM MUITO...

Poucos são os que podem depor, com exatidão e isenção de ânimos, acerca do fabuloso evento que levou o povo paulista aos campos de batalha, para lutar com ardor e denodo contra a ditadura de Vargas. Júlio de Mesquita Filho, Aureliano Leite, General Sampaio e a dra. Carlota de Siqueira viveram a revolução desde o seu primeiro passo. Julinho de Mesquita, o grande incentivador do movimento, o homem que enfeixou a maior soma de responsabilidades quanto ao êxito ou fracasso da grande causa, hoje, na direção de um dos maiores órgãos da brilhante imprensa paulista, através de editoriais cujo valor histórico é inestimável, vem respondendo, com argumentos e dados insofismáveis, às aleivosias e às invencionices, publicadas em livro, por aquele que mereceu do povo paulista a maior repulsa: O atual ministro João Alberto. Aureliano Leite, em suas memórias do exílio, também focaliza, com rara fidelidade e em minúcias, episódios, dramáticos uns, pitorescos outros, todos intimamente relacionados com a Revolução Constitucionalista. Carlota de Siqueira, da tribuna da Câmara Federal, quando deputado, fez constar dos anais daquela Casa do Congresso Nacional o que foi São Paulo no período da revolução. E o General Sampaio, no aconchêgo de seu honrado lar, cercado da estima, do respeito e da consideração dos homens de Piratininga, guarda, no escrutínio de seu coração de bravo, os feitos heróicos dos moços que estiveram sob seu comando, numa das mais audaciosas empreitadas bélicas da história de nossa Pátria. Klinger, Euclides de Figueiredo, Pedro de Toledo, Saldanha da Gama, Fournier e tantos outros valentes paulistas têm, com a maior justiça, cada um, lugar reservado no coração de todos os brasileiros. O exemplo de São Paulo jamais será esquecido.

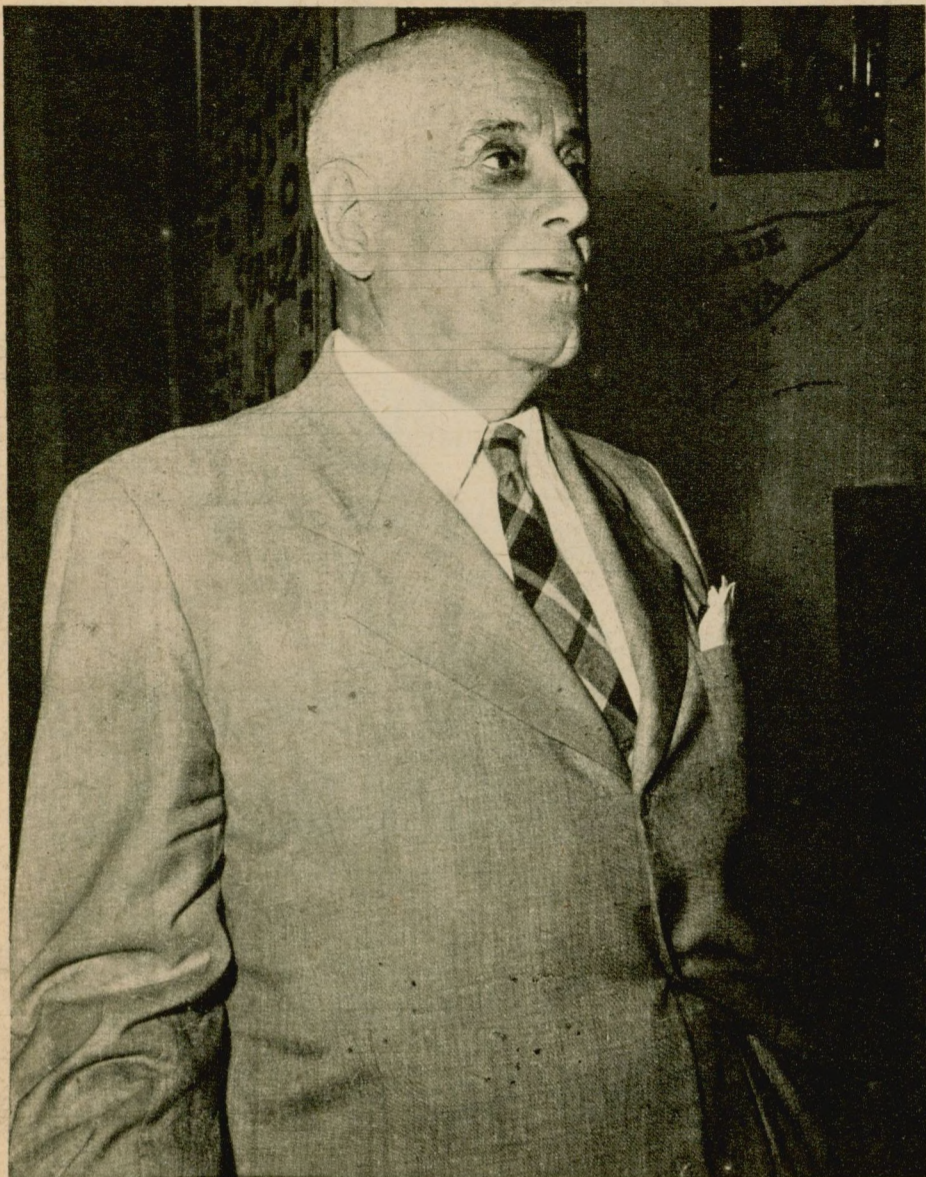
C. V.



GENERAL SAMPAIO: ... «O Túnel foi um segundo Canudos» afirmou o comandante. **DR. JÚLIO DE MESQUITA FILHO:** ... «Não houve qualquer intuito separatista na revolta».



DA CONSPIRAÇÃO À MARCHA PARA AS FRENTES DE LUTA



A guarda confraternizou-se com os revolucionários. E o gal. Castro Pinto, comandante da 2.ª R. M., entregou-me toda a tropa sob seu comando — diz o gal. Euclides.

A DITADURA PRENDEU OS OFICIAIS QUE IAM COMEMORAR A CONSTITUIÇÃO DE 91 — CONFABULAÇÕES — O ASSALTO AO Q. G. DA 2.ª R. M. — BATALHÕES PATRIÓTICOS — OUVINDO O GENERAL EUCLIDES FIGUEIREDO, O DEFLAGRADOR DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA.

TEXTO DE LUIZ DE MEDEIROS

FOTOS DE EDWARD SCHULTZ

Nesta entrevista, o general Euclides Figueiredo aborda fatos da conspiração e da preparação militar da Revolução Constitucionalista, anteriores ao início das operações e à chegada do gal. Bertoldo Klinger a São Paulo. Nossa palestra com o ilustre militar e político deu-se no seu escritório, no Rio, no Edifício do «Jornal do Comércio».

Comandava eu a 2.ª Divisão de Cavalaria, no Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai e a Argentina — começou o general Euclides Figueiredo — quando foi deflagrada a Revolução de 30, à qual não aderi por não estar convicto de que trouxesse benefícios ao Brasil.

A Revolução venceu e, em consequência, fui destituído daquele comando e mandado para o Rio.

Quanto à minha atitude anti-revolucionária em 30 — prosseguiu o general Euclides Figueiredo — está ela bem esclarecida no meu livro sobre a Revolução de 32, a ser lançado agora.

«Contribuição para a HISTÓRIA

DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA».

E, para atender ao seu pedido, escolhi para divulgação pelo «O Mundo Ilustrado», em sua próxima edição, um capítulo desse livro, no qual, em síntese, demonstro que assistia razão para tese, crer que o «golpe» de 30 fôsse benéfico ao país.

Mas, deixemos essa argumentação para o referido capítulo e vamos ao prosseguimento da história.

REFORMA NEGADA

— No Rio, não aceitei nenhum comando. Pelo contrário, pedi minha re-

forma que me foi negada pelo general Leite de Castro, então ministro da Guerra e com muita honra para mim, pois alegou que o Exército e o Brasil precisavam de meus serviços na ativa.

FEVEREIRO DE 32

— Nessa situação permaneci até 1932, quando, havendo um grupo de oficiais decidido festejar o aniversário da Constituição de 24 de fevereiro de 1891, o Governo Provisório mandou prendê-los.

Protestei contra a prisão de meus camaradas que exerciam um direito de cidadãos e o meu protesto deu ensejo a que de mim se aproximassem outros elementos avessos à ditadura que considerava crime falar-se em Constituição e em direitos.

CONSPIRAÇÃO

— Com isso, começou a conspiração. Políticos do Rio Grande do Sul e de São Paulo, entre eles Francisco Morato, Paulo Moraes e Barros e Julio de Mesquita tomaram parte nela desde o início, Abril, maio, junho foram os três meses de preparo da Revolução Constitucionalista. Ora em São Paulo, para onde viajei vários meses clandestinamente, ora no Rio, sucediam-se nossas reuniões.

8 DE JULHO

— Em São Paulo, os companheiros da cruzada de libertação agiam eficientemente. No dia 8 de julho recebi o esperado aviso e viajei à noite para a capital paulista, onde cheguei às 9 horas da manhã do dia 9. Ia para comandar a deflagração do movimento contra a ditadura e pelo restabelecimento da legalidade.

Q. G. REVOLUCIONARIO

O Q. G. Revolucionário foi instalado na rua Sergipe 37, casa do sr. Moacir Barbosa, que se encontrava desabitada por ter ali falecido recentemente o pai de seus proprietário que não a cedeu. Ali, na rua Sergipe 37, realizaram-se as últimas conferências e foram concertadas as últimas disposições para o início da Revolução. E foi dali que partimos para o assalto ao Q. G. da 2.ª Região Militar.

ASSALTO BRANCO

— Precisamente às 11,40, duas horas e quarenta minutos depois de haver eu chegado a São Paulo, eclodia a Revolução.

Ao chegarmos ao Q. G. da 2.ª R. M., situado fora da capital, na Chácara do Carvalho, encontramos a sua guarda reforçada por uma companhia de metralhadoras.

Essa guarda tomou, de início atitude de resistência, mas logo mudou graças à atuação do tenente Mineirinho (de seu verdadeiro nome não me lembro agora), que integrava essa Com-

panhia e que se achava em ligação conosco.

Toda a numerosa guarda se confraternizou com a tropa assaltante e o assalto não chegou a realizar-se. Foi mais um «assalto branco».

ENTREGA DA TROPA FEDERAL

— O general Castro Pinto, comandante da 2.ª R. M., diante disso, entendeu que o único que lhe restava fazer era entregar sem luta toda a tropa federal sob seu comando, tropa essa que ficou imediatamente subordinada a mim. E o Q. G. da 2.ª R. M. passou a ser Q. G. Revolucionário.

A FORÇA POLICIAL

— Nas confabulações anteriormente realizadas, o cel. Marcondes Salgado, comandante da Força Policial de São Paulo, que estivera presente a duas de nossas reuniões, havia se comprometido com a revolução que se planejava. E, no dia 9, de acordo com esse compromisso, pôs à nossa disposição toda a Força Policial.

BATALHÕES PATRIÓTICOS

— Nada fôra esquecido. Imediatamente se começou a organização dos civis em batalhões patrióticos e já à noite do dia 9 integravam eles as forças revolucionárias. Tiveram como organizador o sr. Aureliano Leite e por comandante o capitão Pitisher. Reuniram-se na Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco e foram logo aproveitados para diferentes mistéres que a seqüência do Movimento Revolucionário impunha no momento.

AÇÃO

— Assim, sob a inspiração do general Izidoro Dias Lopes, chefe supremo da Revolução, que me delegou poderes como oficial mais antigo, estava eu no comando de todas as forças constitucionalistas de São Paulo.

Estabelecidas ligações telefônicas com todas as unidades dentro do Estado, preparou-se tudo rapidamente, em primeiro lugar para acautelar o território paulista contra qualquer investida de forças fiéis ao governo ditatorial.

Assim, na madrugada de 9 para 10 de julho, punha-se em movimento a tropa, incluindo os batalhões patrióticos, inicialmente para o Vale do Paraíba, no setor norte, para Itararé, no setor sul, e para Santos, no litoral.

O resto já é a história das operações e do patriotismo com que o povo paulista acorreu em apoio à Revolução Constitucionalista que, se houvesse sido vitoriosa pelas armas, teria salvado o Brasil de muitas desgraças que lhe sucederam.

Quanto às operações e ao patriotismo dos brasileiros de São Paulo, ao seu sacrifício, são outras páginas de honra que outro «constitucionalista» abordará.



Aderi à Revolução de 30 por estar convicto de que ela traria grandes benefícios ao Brasil — diz o gal. Euclides Figueiredo ao repórter que o entrevistou.

PM 22-18-14

DEPOIMENTO DE UM IDEALISTA E BRAVO SOLDADO

"NÃO PENSAVA EM SAIR DO CATETE NUNCA MAIS"

CONFUSÃO NO Q. G. DA 2.ª R. M. NO DIA 9 DE JULHO DE 1932 — UM CAPITÃO QUE TEVE CORAGEM DE OPINAR — REVOLUÇÃO É ATAQUE E NÃO DEFESA — CONSTITUCIONALISTA POR IDEAL — FALA A "O MUNDO ILUSTRADO" O GENERAL ARISTÓTELES RIBEIRO

Foi o general Euclides Figueiredo quem nos falou no general Aristóteles Ribeiro que, ao tempo da Revolução Constitucionalista, fôra, como capitão, elemento de valor de seu Quartel General. Procurámo-lo.

Crispiniano, onde, conhecido o resultado da entrevista, passou a reinar uma crescente confusão.

E o prazo do «Ultimatum» se venceu sem que o cel. Castro Pinto se houvesse pronunciado.

UM EMISSARIO

— Estava de prontidão tôda a 2.ª Região Militar por causa dos boatos de revolução — começou o gen. Aristóteles Ribeiro — e, porisso, tôda a oficialidade de seu comando e os comandantes de unidades se encontravam no Q. G. da rua Comendador Crispiniano quando ali chegou, no dia 9 de julho, pela manhã, um emissário — se não me engano, o capitão Scipião de Carvalh — a fim de convidar o comandante interino da Região, cel. Castro Pinto, para uma conferência com o gen. Euclides Figueiredo na rua Sergipe, 37.

O «ASSALTO»

Cumprindo a ameaça, chegou o gen. Euclides Figueiredo para o «assalto». A guarda confraternizou-se com a revolução e o cel. Castro Pinto entregou o comando ao general revolucionário.

Imediatamente, o gen. Euclides reuniu tôda a oficialidade e expôs os objetivos da revolução em poucas palavras. Terminou declarando que ninguém era obrigado a aderir. Os que não quisessem participar do movimento que o declarassem, deixando na declaração, o nome, o posto e a residência, e poderiam retirar-se para suas casas. Os outros seriam imediatamente aproveitados em missões da Revolução.

OPINIAO DECISIVA

— Reunida tôda essa oficialidade, esboçou-se um movimento de reação ao convite: não ir o coronel-comandante à conferência. Havia um pouco de confusão ante a emergência cuja gravidade se adivinhava.

MUDANÇA DO Q. G.

— A primeira providência que me coube cumprir, juntamente com o tenente Saraiva e sob as ordens do cel. Palimércio Rezende, foi a mudança do Q. G. da Região da rua Comendador Crispiniano para a chácara do Carvalho.

(Estas declarações quanto á mudança do Q. G. corrigem um engano na entrevista com o gen. Euclides Figueiredo, na qual não há referência ao Q. G. em Comendador Crispiniano).

Resolvi manifestar-me, embora não fôsse dos oficiais mais graduados: optei por que o cel. Castro Pinto fôsse à entrevista e ofereci-me para acompanhá-lo, fazendo-me responsável pela sua pessoa. Argumentei que pelo menos o nosso comandante ficaria sabendo do que se tratava em realidade, em meio de tantos rumores.

DIFICULDADES

— Nessa mesma noite — prosseguiu o gen. Aristóteles Ribeiro — começou-se a organizar os comboios de tropas, os primeiros para Cachoeira e Silveira.

A marcha das tropas foi algo retardada por desentendimentos que opuseram dificuldades á rapidez da ação, particularmente as divergências com o 4.º R. I. de Quitauna.

Minha opinião foi aceita. O cel. Castro Pinto dispôs-se a ir. Organizaram-se, então, duas caravanas: uma composta do emissário, o coronel e eu; outra, do então tenente Saraiva (hoje coronel e que foi comandante do 1.º B. C.) e mais dois oficiais.

O comandante do 5.º R. I. de Lorena — cel. Ascendino de Ávila Mello, se não me falha a memória — por exemplo, não acreditou na adesão do 6.º de Caçapava, e declarou que somente poria sua tropa á serviço da Revolução depois que passasse por Lorena o 6.º de Caçapava, sob o comando do cel. José Joaquim de Andrade.

SERGIPE, 37

Na casa da rua Sergipe, 37, acompanhamos, o tenente Saraiva e eu, o cel. Castro Pinto à presença do gen. Euclides Figueiredo que expôs o objetivo da entrevista — a revolução, e perguntou ao coronel qual seria a sua atitude. O Cel. Castro Pinto respondeu ponderando que outras sedições já haviam fracassado, que a responsabilidade era grande e que, no caso de decidir-se a participar de movimento semelhante, somente o faria mediante compromisso escrito dos chefes militares revolucionários. Não confiava em compromissos verbais como os que afirmava haver o gen. Euclides Figueiredo.

O FRACASSO

— Mas — observa o gen. Aristóteles Ribeiro — não foram essas dificuldades iniciais a causa do fracasso da Revolução Constitucionalista, na qual servi, até o fim, no Estado Maior do gen. Euclides Figueiredo. As causas foram diversas e concorrentes, porém quando nos conservamos apenas em defensiva, sem tomar a iniciativa de ataque e de avançar, eu disse: — «Estamos perdidos, ou melhor, a Revolução está perdida, porque revolução é ataque e não defesa».

— Não podemos perder tempo com papéis — respondeu-lhe o gen. Euclides — Precisamos de ação.

E, dirigindo-se a mim, perguntou que pensava eu:

— Se houver a revolução, estarei com ela — respondi.

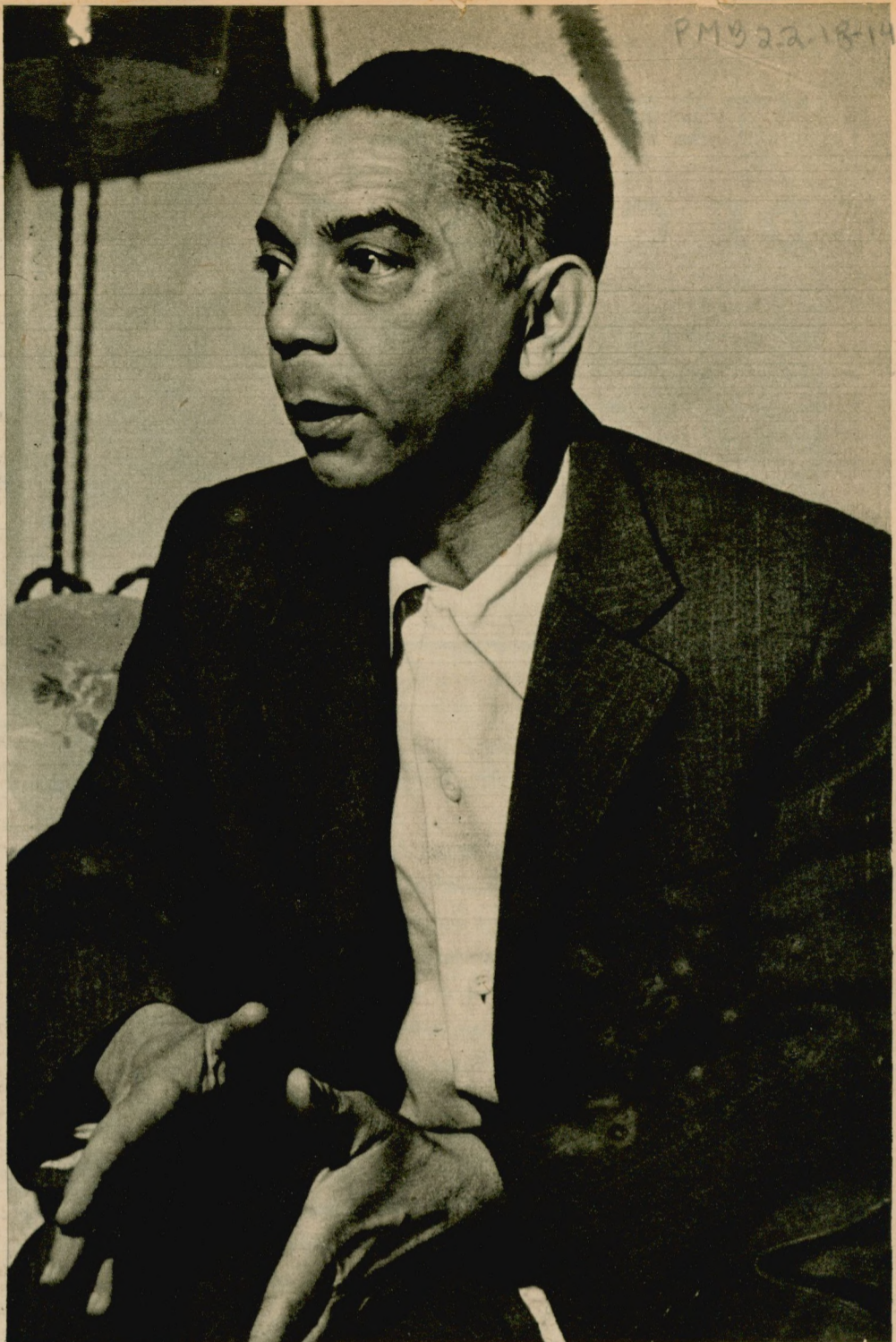
Também o tenente Saraiva respondeu afirmativamente.

«ULTIMATUM»

NO PARAGUAI

— Todavia, restava-nos, a nós, idealistas, uma esperança: Mato Grosso, de onde poderíamos prosseguir o movimento. E, assim, o cel. Palimércio, o filho dele, dr. Rezende, se não me engano tenente Nelson de Mello, da Marinha, e eu, rumamos para Mato Grosso. (o Dr. Rezende é o que pertence hoje á alta administração da TV- Record)

Então o gen. Euclides Figueiredo disse ao cel. Castro Pinto que lhe dava prazo para decidir-se até às 9 horas da noite. Caso, a essa hora, não tivesse uma resposta afirmativa da parte de nosso comandante, invadiria o Q. G. para assumir o comando da Região. Voltamos ao Q. G. do Comendador



Em Lagoa Rica, no entanto tivemos noticia da contra-revolução em Mato Grosso. Só restava um caminho para nós — o do Paraguai. Descemos da prancha da estrada de ferro os automóveis e rodamos até a Fazenda Bom Jardim, onde se acabou a gasolina. Prosseguimos montados em «matungos» e fomos sair nas cabeceiras do Apa, depois de 11 dias de viagem. Dali para Assunção, onde estive dez meses.

— Mas, valeu a pena a Revolução? — Valeu. Valeu como lição, como exemplo para os brasileiros de hoje e do futuro. Só não valeu para o sr. Getúlio Vargas e para a maioria dos políticos brasileiros.

Por isso, reformado, não quis aceitar comissões que me foram oferecidas e espero que, depois de 35 anos de serviço ao Exército e à Pátria, possa daqui por diante dedicar meus dias à família e à educação dos filhos.

Lá de dentro, vinham as notas de piano da lição de música da filha do general.

RAZÕES DE REVOLUCIONARIO

O gen. Aristóteles contou-nos vários episódios, seu exílio, a anistia, sua volta ao país a reintegração no Exército. A última unidade que comandou foi o 7.º R. I. em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, de onde veio, em 1952, para o Ministério da Guerra, a chefiar a Divisão de Mobilização, havendo sido reformado em 1953.

— Foi a única revolução de que participei. Nunca conspiri — afirmou-nos — mas a revolução que tomei em 9 de julho de 1932, no Q. G. do gen. Euclides, na rua Sergipe, 37, foi espontânea e de lealdade para comigo mesmo. Fiz-me revolucionário por ideal.

— E qual a causa de haver se tornado revolucionário? Por que abraçou a causa da Revolução Constitucionalista?

— Havia eu terminado o curso de Estado Maior quando fui transferido para São Paulo. Sai do Rio muito aborrecido com a situação de meu país e da ilegalidade ditatorial em que vivíamos. Os atos de Getúlio Vargas como chefe do Governo Provisório davam a entender que ele não pretendia realizar o plebiscito que prometera, nem eleições, nem pensava em sair nunca mais do Catete. E isso não estava certo nem convinha ao Brasil — estava eu convicto. Como vê, abracei a causa constitucionalista por ideal.

E é com tristeza que vejo como hoje se movem os homens apenas por interesse, esquecidos da Pátria e do Ideal. Pioramos, moralmente.

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

65 ANOS DE BONS SERVIÇOS AGÊNCIAS METROPOLITANAS MANTIDAS PELO BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS S. A.

- Agência de Madureira Estrada da Portela, 45-A
Agência de Vde. Inhaúma Rua Vde. Inhaúma, 74
Agência de Ramos Rua Uranos, 987
Agência da Pr. Bandeira Praça da Bandeira, 141
Agência de Niterói Rua Vde Rio Branco, 429
Agência Mem de Sá Av. Mem de Sá, 291
Agência Copacabana Av. Capacabana, 698-A
Agência Ipanema Rua Vde. Pirajá, 462-B
SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO Av. Rio Branco, 116

"TERREMOTO DE CIVISMO"

O general Brásilio Taborda, revolucionário constitucionalista, comandou a praça de Santos, o Setor Sul e foi chefe de Polícia da cidade de São Paulo, nos dias de luta de 1932. Escreveu para «O Mundo Ilustrado» estas linhas e concedeu-nos uma entrevista que será publicada na próxima edição, revivendo aqueles heróis de 1932, contando episódios inéditos e vibrantes.

«A revolução paulista de 32 foi mais do que uma luta armada em prol de um ideal político. Foi uma epopéia cívica, foi um terremoto de civismo.

Por dever de ofício, ao longo da minha carreira militar, tomei parte em muitas lutas que ensanguentaram vários rincões da nossa terra, e, oriundo da experiência dessas lutas, muita vez me assaltou um doloroso pessimismo quanto às nossas possibilidades numa luta em defesa da pátria.

A revolução de São Paulo baniu do meu espírito essa apreensão. Quem esteve em São Paulo naqueles dias memoráveis assistiu ao maior e mais belo espetáculo de civismo que pode sacudir e elevar um povo. A atmosfera se impregnou de heroísmo e de abnegação. O espírito de sacrifício envolveu homens e mulheres de todas as idades e de todas as classes; tudo estava impregnado de ardor e de civismo; os acordes dos hinos faziam vibrar a própria natureza bruta.



Tive sob meu comando batalhões cujos soldados eram médicos, engenheiros, advogados, comerciários, funcionários paulistas e até professores de Universidade. E a tropa assim formada enfrentou perigos de fadigas com abnegação dificilmente exigível de tropas regulares de elite. em jóias, para que todo êsse ouro, em trabalho, em metal e em abnegação, fôsse levar recursos e conforto ao combatente.

Homens, mulheres e crianças, todos eram operários que trabalhavam dia e noite, delirantemente, para que nada faltasse aos soldados que se batiam nas frentes de combate. Ricos e pobres, além dessa dádiva fecunda de trabalhar, despojavam-se de seus haveres em moeda e em jóias, para que todo êsse ouro, em trabalho, em metal e em abnegação, fôsse levar recursos e conforto ao combatente.

Quem assistiu ao espetáculo sublime dêsse terremoto de civismo e de brasilidade em São Paulo tem o direito de confiar na integridade de nossa pátria ao longo da história do mundo».

O LOCUTOR DA REVOLUÇÃO

Cesar Ladeira, o famoso locutor, se iniciava no rádio, quando estourou a Revolução Constitucionalista de 1932. As autoridades militares permitiram que ele emprestasse a sua colaboração à causa comum, irradiando o desdobramento do movimento constitucionalista. E assim, através do microfone de uma emissora, o povo acompanhou a completa descrição da luta, feita de maneira entusiasta por Cesar Ladeira, «o locutor da Revolução». Devido ao seu trabalho, Ladeira esteve preso posteriormente no Presídio do Paraíso. Na foto, o popular radialista.

O herói da Mantiqueira



IMPERECÍVEL A CHAMA DOS IDEAIS DE 9 DE JULHO — O CORONEL MÁRIO DA VEIGA ABREU, COGNOMINADO O DUQUE DE CUNHA, CONSIDERA OPORTUNAS AS COMEMORAÇÕES ANUNCIADAS EM SÃO PAULO, REMEMORANDO O MOVIMENTO

TEXTO DE BARBOSA NASCIMENTO

CERCADO pelo carinho da filha e dos netos vive, hoje, numa casa ajardinada da rua Mário Barreto, na Tijuca, um herói gaúcho da Revolução Constitucionalista de 1932. Dêle disse ao repórter o general Bertoldo Klingler:

— O coronel Mário da Veiga Abreu foi um gigante no comando do Setor da Mantiqueira.

O bravo militar, no decorrer da entrevista, que começou à noite e se prolongou pela madrugada do dia seguinte, feriu de frente todos os aspectos da epopéia paulista e frizou que a bandeira da liberdade desfraldada em 9 de julho de 1932 continua tremulando como um sinal de alerta à consciência cívica dos brasileiros. Ponderou o coronel Mário Abreu que a situação do Brasil é, atualmente, idêntica à daquela época.

— Vivemos num caos. E as comemorações programadas para o 9 de julho, em São Paulo, constituem, evidentemente, uma advertência oportuna aos homens públicos dessa hora conturbada — objetivou o antigo comandante do Setor da Mantiqueira.

PÁGINA HONROSA

O coronel Mário da Veiga Abreu fôra cognominado pelos seus companheiros da Revolução de Duque de Cunha. Homenagem dos revolucionários ao bravo da Mantiqueira. Ele relembra com modéstia os seus feitos, mas enaltece a coragem, o desprendimento e o estoicismo de seus comandantes e dos de-

mais chefes da Revolução Constitucionalista. Não esconde, entretanto, o seu orgulho, quando alude às referências que, a seu respeito, fez o saudoso Armando de Sales Oliveira, em discurso pronunciado na cidade de Guaratinguetá, em 12 de outubro de 1934. Descrevendo os desesperados esforços que os revolucionários faziam para recompor a situação, assinalada com êxito das forças governistas, lembra o sr. Armando Sales a brilhante ação da tropa sob o comando do coronel Mário da Veiga Abreu. É uma página que honra a qualquer um. Para o Duque de Cunha ela vale pelo seu maior galardão. Sua transcrição é necessária para edificação da História: «Para que nem tudo fôsse sombra, uma rajada de alegria soprou mais ou menos na mesma ocasião sôbre as trincheiras paulistas, à notícia de uma brilhante vitória no setor de Cunha. Na hora em que os adversários procuravam cortar a retaguarda de nossas forças, estas desencadearam um ataque brusco e firme. Conseguindo ocupar o espigão do Divino Mestre, as nossas tropas impediam definitivamente qualquer incursão pela estrada de Parati a Cunha. Os risinhos vales e as lombas suaves da serra do Mar encheram-se do éco das aclamações que o povo paulista erguia — deslumbrado por aquêlê súbito luar na noite negra do seu tormento. A bela vitória foi dirigida e conquistada pelo coronel Mário Abreu, comandante do setor. Não desejava citar nenhum nome nesta leve evocação daqueles dias he-



O Cel. Mário da Veiga Abreu e seu Estado Maior no setor da Mantiqueira.

róicos. Mas abrindo para o ilustre oficial uma exceção, eu presto uma homenagem aos homens de outros Estados que puseram a sua vida e o seu futuro em uma causa que, se era essencialmente brasileira, sob muitos aspectos só pertencia a São Paulo».

FORA DA POLITICA

O antigo comandante do Setor da Mantiqueira foi revolucionário de 1922 e de 1930. Dois anos depois, desencantado com a conjuntura política do país compreendendo que haviam sido postergados os ideais pelos quais lutou, desbainhou mais uma vez a sua espada para, ao lado do povo paulista, defender a lei. Ao término da gloriosa arran-

cada, integrou-se novamente na vida da caserna. Do coronel Mário Abreu disse ainda Armando de Sales Oliveira — «Fiél aos ideais de servir o Exército como a mais poderosa força de coesão brasileira, êle se pôs à margem das lutas partidárias e subordina seus passos aos imperativos do dever patriótico».

Eis, em síntese, o pensamento do coronel Mário da Veiga Abreu:

— A chama dos ideais da Revolução de 9 de julho arde impercível no coração dos paulistas em particular, e dos brasileiros em geral. Não foram em vão que centenas de vidas se perderam no solo de Piratininga.

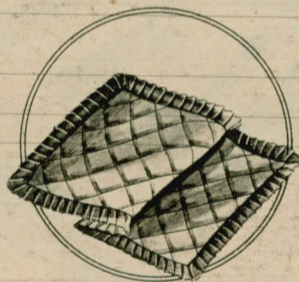


Foto recente do Cel. Mário da Veiga, em sua residência ladeado pelos seus netos.

ABSOLUTAMENTE GRÁTIS

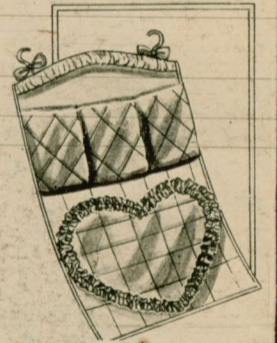
Enviaremos um suntuoso catálogo aos leitores que solicitarem.

UM DÊSTES ARTIGOS!



EDREDON DE SETIM, nas cores rosa, azul e branca. Cr\$ 280,00

PORTA-MAMADEIRA, nas cores rosa, azul e branca. Cr\$ 150,00



PORTA-MIUDEZAS, nas cores rosa, azul e branca. Cr\$ 105,00

Peço mandar pelo Reembólso Postal os seguintes artigos.

QUANTIDADE	ARTIGO	NÚMERO	COR	TAMANHO	PREÇO

NOME ENDEREÇO ESTADO

Não mande o dinheiro, pague somente no ato da entrega na agência do correio



Casa Valentim
JOSE VALENTIM & C. LDO.

PEDIDOS PARA: Rua 7 de Setembro, 122/124/128 — Rio de Janeiro
Filiais: S. Paulo — P. Alegre — B. Horizonte

Comparecemos perante o público com **FÁTOS CONCRETOS!**

...E aguardem!

No coração de **SANTO AMARO:**

Grande oportunidade para Comerciantes e Industriários — Conjunto residencial financiado.

JARDIM PIRATININGA

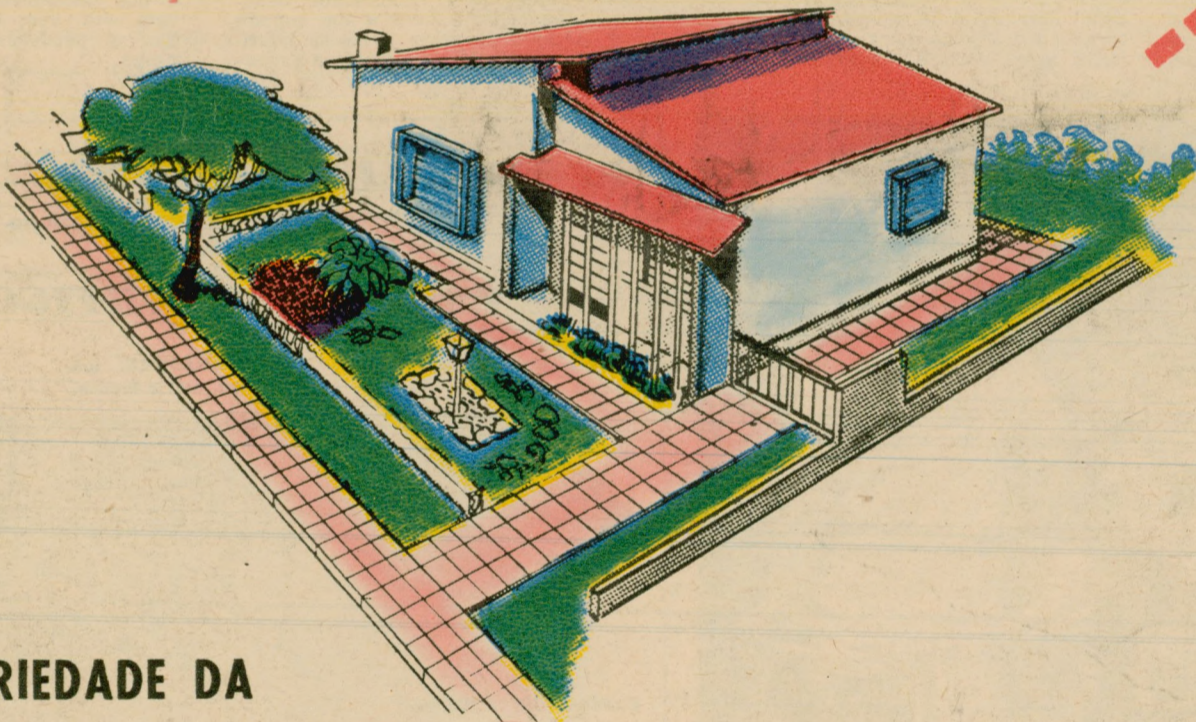
Com 110 lindas residências térreas, isoladas, de fino acabamento, muradas e mais 10 modernas lojas, onde serão instaladas: Mercarias, Confeitarias, Casas de carnes, Farmacias, Cabeleireiros, Lojas de Armarinhos, etc.

Com todos os melhoramentos: **AGUA — LUZ — ESGOTO**

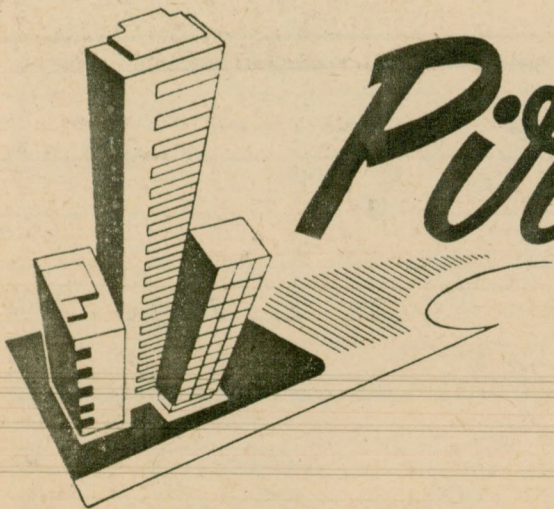
Casas com jardim, 2 e 3 amplos dormitórios, sala, hall, banheiro completo, cosinha, quintal com tanque coberto e entrada para auto.

Condições especiais para comerciantes e industriários: 90% financiado a longo prazo!

Seja um dos primeiros!!! Procure os escritórios da **PIRATININGA S. A.** Construtora e Imobiliária, examine detalhadamente as plantas dessas lindas residências térreas e aproveite desde já, para reservar a sua!



PROPRIEDADE DA



Piratininga S.A.

CONSTRUTORA COMERCIAL E IMOBILIÁRIA

CONSTRUÇÕES EM GERAL — COMÉRCIO DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO — COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES — ADMINISTRAÇÃO DE IMÓVEIS — LOTEAMENTO — INCORPORAÇÕES, ETC.

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 120 — 5.º ANDAR
CONJ. 503 — TELS.: 35-1058 — 36-5002

A SEMANA QUE PASSOU

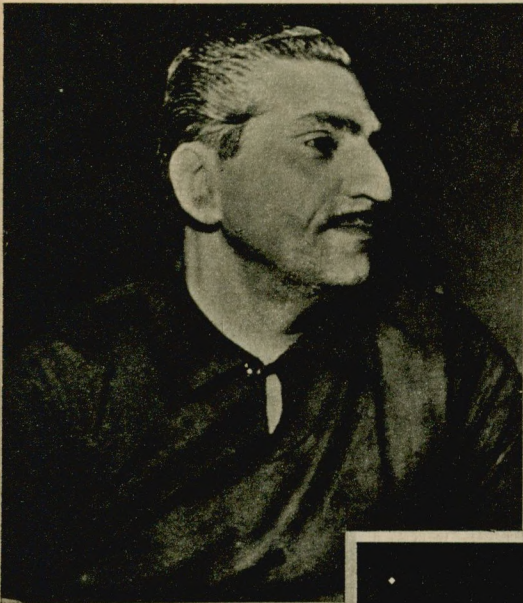


A ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA EMBARCOU PARA O NORTE DO PAÍS EMPREENDENDO A PRIMEIRA CARAVANA DE CULTURA MUSICAL, FEITA POR ÊSTE FAMOSO CONJUNTO, QUE DARÁ CONCERTOS NAS CIDADES DE SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA, SÃO LUIZ E MACEIÓ, DE ONDE REGRESSARÁ AO RIO. NA FOTO, VEMOS OS MÚSICOS MOMENTOS ANTES DO EMBARQUE, TENDO À FRENTE, DE ÓCULOS E SOBRETUDO NO BRAÇO, O MAESTRO ELEAZAR DE CARVALHO, DIRETOR DA ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA.



TOMOU POSSE NA SEMANA QUE PASSOU O NOVO TITULAR DA PASTA DA AGRICULTURA, O SENADOR APOLÔNIO SALLES, QUE NA FOTO APARECE SENDO CUMPRIMENTADO POR SEU FILHO MAURO SALLES, DIRETOR DE «O MUNDO ILUSTRADO».

NÃO É FUNCIONÁRIO — A DIREÇÃO DE «O MUNDO ILUSTRADO» COMUNICA QUE O REPÓRTER JOSÉ LEAL NÃO É FUNCIONÁRIO DESTA REVISTA, NÃO SE RESPONSABILIZANDO PELAS ATITUDES DO CITADO JORNALISTA, E NEM TENDO, EM SUAS ATIVIDADES, QUALQUER RELAÇÃO COM ESTA EMPRESA.



TESTEMUNHA DESMENTE LUIZ EDUARDO — FERNANDO FERREIRA APARECEU ESPONTANEAMENTE PARA DAR NOVO RUMO À SOLUÇÃO DO «CRIME DO CASTIÇAL», AFIRMANDO, COM SEGURANÇA, QUE NA NOITE DO CRIME, VIRA NA «BOITE BACARAT» WILSON, A VÍTIMA, EM COMPANHIA DE MAIS 3 RAFAZES, CONTRADIZENDO DESTA MANEIRA LUIZ EDUARDO QUE INSISTIU EM AFIRMAR QUE ESTAVA SÓ, COM O ADVOGADO ASSASSINADO. A TESTEMUNHA DECLAROU CONHECER A VÍTIMA À DISTÂNCIA E SER FREQUENTADOR DE «BOITES», COMPARECEU A CARTÓRIO PARA DEPÔR SEM ADVOGADO, TRAJANDO ROUPA ESPORTE E FALANDO COM GRANDE SEGURANÇA E CALMA. CONVENCEU.



A PONTE NÃO OFERECIA SEGURANÇA — HORRÍVEL DESTASTE VITIMOU NA SEMANA PASSADA SETE PESSOAS ENTRE ELAS, ALTOS FUNCIONÁRIOS DO D.N.E.R., QUE SE DIRIGIAM A NITERÓI, REGRESSANDO DE UM PASSEIO A VASSOURAS. A CAMIONETA QUE CONDUZIA OS PASSAGEIROS, QUANDO TRANSPUNHA UMA PONTE DE MADEIRA QUE NÃO OFERECIA A MENOR SEGURANÇA, JÁ PERTO DA CAPITAL FLUMINENSE, PRECIPITOU-SE NO RIO MACACU, SEPULTANDO ALI SEUS SETE OCUPANTES QUE TIVERAM MORTE TRÁGICA. ENTRE AS VÍTIMAS ENCONTRAVAM-SE 2 ADVOGADOS, 2 SENHORAS, UM CADETE DA AERONÁUTICA, UMA JOVEM DE 18 ANOS, E O MOTORISTA. A GRAVURA, FIXA O MOMENTO DA RETIRADA DE UM DOS CORPOS QUE FORAM TRANSPORTADOS PARA NITERÓI DE CAMINHÃO. OS MORTOS FORAM: NEWTON S. NUNES DE 42 ANOS; EURÍDICE DE SALES DE 42 ANOS; ALMIR LIMA DE SOUZA DE 31 ANOS; DOUGLAS DA ROCHA LUIZ DE 20 ANOS; SELMA NUNES DE 18 ANOS; APARECIDA DOS SANTOS DE 29 ANOS; E CARMENCITA GARCIA.



BONDE X CARRO DE BOMBEIROS — NO CRUZAMENTO DAS RUAS UBALDINO DO AMARAL COM SENADO CHOCARAM-SE, VIOLENTAMENTE, O BONDE DA LINHA 29: «1.º DE MARÇÓ-LAPA» E O CARRO DE BOMBEIROS N. 8. OS VEÍCULOS, DADA A VIOLÊNCIA DO IMPACTO, FICARAM SÉRIAMENTE DANIFICADOS. APENAS 2 PESSOAS FICARAM FERIDAS: UMA PASSAGEIRA DO ELÉTRICO E UM VIGILANTE MUNICIPAL. NA FOTO, UM ASPECTO DO ESTADO EM QUE FICOU O BONDE.

Jacques Griffe reabilita o bolero



1 Elegante «tailleur» em «tweed» cinza. O casaco fecha em diagonal. A gola imita um laço agasalhando o pescoço. A saia é justa. O conjunto é de grande efeito e elegância. Um modelo que aconselhamos a nossas leitoras

2 PELION — «Tailleur» em gabardine bege. A gola é redonda imitando um grande colarinho. Nas mangas, punhos, fazem o acabamento. A saia é clássica. Uma «écharpe» estampada quebra a monotonia do conjunto.

3 JACQUES GRIFFE — Conjunto em lã cinza. O vestido é simples, apresentando como gola um laço de fustão branco. Um bolero de mangas longas completa o conjunto e serve de bom agasalho para os dias mais frios.

4 JACQUES GRIFFE — Traje para noite em «faille» de algodão negro. O bolero é bem solto sobre a saia justa e apresenta um decote quadrado. Um vestido, cuja sobriedade e elegância o tornará adequado para a noite.

5 BOULINGRIN — Belo «manteau» de seda grossa, na cor marfim, onde as mangas sobem até formar uma original gola. Sobre um vestido estampado, o efeito será maravilhosamente encantador. Ótimas sugestões.

6 BOULINGRIN — Original modelo em seda branca estampada com a cor laranja. Mangas três quartos, com botões. A gola apresenta um traspasso na frente. Dois bolsos enfeitam a saia. Ótima criação.



O bolero até bem pouco tempo era considerado acessório de um traje.

Uma peça dispensável e sem qualquer importância, devido ao seu tamanho diminuto. Jacques Griffe resolveu reabilitar o bolero, tornando-o um verdadeiro traje, maior, com mangas longas, servindo mesmo de agasalho. Assim, o famoso costureiro criou boleros para a manhã, a tarde e a noite, tornando-os não mais acessórios, mas peças integrantes e indispensáveis a um conjunto conforme os modelos aqui apresentados. Ótimas idéias e confecções podem ser aproveitadas pelas nossas elegantes.

2



5



6



3



4



NA BASILICA — Na Basilica de São Pedro, em Roma, foi colhido este bellissimo flagrante por ocasião das cerimônias de canonização do Papa Pio X. De origem humilde, o sacerdote foi elevado à glória dos altares, tendo seu nome inscrito no Livro dos Santos. No dia 29 de maio último, mediante o cerimonial de praxe, com a Basilica ricamente iluminada e o badalar dos sinos de tôdas as igrejas de Roma teve lugar a canonização do 78.º Papa da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.



A procissão de volta à Praça de São Pedro, transporta um enorme estandarte com a efigie do Papa Pio X, já com a auréola de santo circundando a sua cabeça.



Finda a cerimônia, o Sumo Pontífice deixa o interior do templo, inteiramente ornamentado e iluminado para aquele grande dia, que foi o da canonização.

PIO X NO LIVRO DOS SANTOS

ROMA ENGANANOU-SE ESTE ANO, PARA UMA DAS MAIORES FESTAS QUE O MUNDO CATÓLICO CONHECE: A CANONIZAÇÃO DE UM SANTO. A CERIMÔNIA É TÃO IMPRESSIONANTE QUANTO RARA E AQUELES QUE TÊM A VENTURA DE PRESENCIÁ-LA, NÃO A ESQUECEM JAMAIS. O FINADO PAPA PIO X, NA SUA VIDA UM HUMILDE SACERDOTE, TEVE NO DIA 29 DE MAIO ÚLTIMO SEU NOME INSCRITO NO LIVRO DOS SANTOS, NUMA CERIMÔNIA ONDE COMPARECERAM MAIS DE 500.000 PESSOAS, SUPERLOTANDO A GRANDIOSA PRAÇA, EM FRENTE À BASÍLICA DE S. PEDRO. A FESTA FOI PRESIDIDA PELO ATUAL SUMO PONTÍFICE, O PAPA PIO XII, QUE FOI CALOROSAMENTE SAUDADO PELA MULTIDÃO, POIS ERA ESTA A 1ª CERIMÔNIA DE ENVERGADURA EM QUE O STº PADRE TOMAVA PARTE DESDE QUE SE RESTABELECEU DA RECENTE ENFERMIDADE QUE TANTO O ABATEU. CARREGADO NO SEU TRONO, O CONTINUADOR DE S. PEDRO ATRAVESSOU A PRAÇA ATÉ A BASÍLICA, ABEN-

O novo santo da Igreja Católica: Papa Pio X.



ÇOANDO OS MILHARES DE FIÉIS QUE SE CURVAVAM, COMOVIDOS, A SUA PASSAGEM. A PORTA DO GRANDE TEMPLO, PIO XII SAUDOU A MULTIDÃO E DEU INÍCIO À CERIMÔNIA, INSCREVENDO O NOME DE PIO X NO LIVRO DOS SANTOS. EM SEGUIDA, O CORPO DO NOVO SANTO, GUARDADO EM UMA URNA DE CRISTAL, SAIU EM PROCISSÃO, QUE TERMINOU NO INTERIOR DA BASÍLICA DE S. PEDRO, INTEIRAMENTE ILUMINADA E ORNAMENTADA, CONSTITUINDO POR SI SÓ UM ESPETÁCULO MAJESTOSO. TURISTAS DE TODO O MUNDO, ALTAS AUTORIDADES, CIVIS E RELIGIOSAS, INÚMEROS REPRESENTANTES DO CORPO DIPLOMÁTICO ESTIVERAM PRESENTES ENTRE O POVO, NUMA ATITUDE DE HUMILDADE CRISTÁ, QUE FOI O TRACO CARACTERÍSTICO DO NOVO SANTO, O PAPA PIO X, O PRIMEIRO PONTÍFICE A SER CANONIZADO NOS ÚLTIMOS DOIS SÉCULOS, E QUE NO CALENDÁRIO SANTO TERÁ SEU NOME GLORIFICADO E CELEBRADO NO DIA 25 DE AGOSTO.



A multidão que se aglomerou na Praça de São Pedro durante a cerimônia da canonização de Pio X, foi calculada em mais de 500.000 pessoas.

O MORRO "OCUPOU" A CÂMARA

Caso os vereadores do D. F. não votassem a desapropriação dos terrenos do Morro da União, os favelados que lá habitavam, acabariam sendo despejados de seus barracos. Como a Câmara Municipal retardasse a votação de tal projeto, os moradores do Morro da União, em péso, de lá desceram e vieram instalar-se nas escadarias e dependências da «Gaiola de Ouro», declarando que dali só sairiam, depois de votado o projeto de desapropriação dos terrenos daquele morro. A Câmara Municipal viu-se assim, repentinamente «invadida» e assustando-se com a inédita atitude dos favelados pediu garantias à polícia. Os próprios vereadores dirigiram-se aos «ocupantes» rogando que desimpedissem o local e voltassem para suas casas. Mas os favelados mostraram-se irredutíveis em suas intenções e ali permaneceram 2 dias e uma noite declarando que só se retirariam depois de aprovado o projeto, o que de fato foi feito no fim do 2º dia de «ocupação» do Legislativo Municipal pelos habitantes do Morro da União, que por meio de uma coação pacífica viram coroados de êxito seus desejos e puderam retornar a seus barracos no morro, já livres da ameaça de despejo

que pairava sobre todos eles. Durante os 2 dias e 1 noite que permaneceram na Câmara Municipal, os favelados mantiveram-se em perfeita ordem, sem causarem qualquer dano ao prédio ou molestarem quem quer que fosse. Por ordem dos próprios vereadores, foi-lhes ministrada alimentação durante o tempo em que lá estiveram. Foram consumidos pelos favelados 600 litros de leite, 300 quilos de pão e as refeições constavam de sopa de legumes, purê de batatas e carne. Cinco caixotes de maçãs foram também esvaziados.

O projeto foi então votado e aprovado com unanimidade por quarenta e três vereadores, número este que ainda não havia sido atingido naquela casa este ano. Os responsáveis pela Limpeza do Palácio, é que tiveram trabalho extra, pois enorme quantidade de papéis, jornal e restos de comida foram deixados pelos favelados que retornaram ao morro, depois desta pequena e bem merecida invasão ao asfalto. Nos flagrantes acima, diversos aspectos da invasão da Câmara pelos favelados.

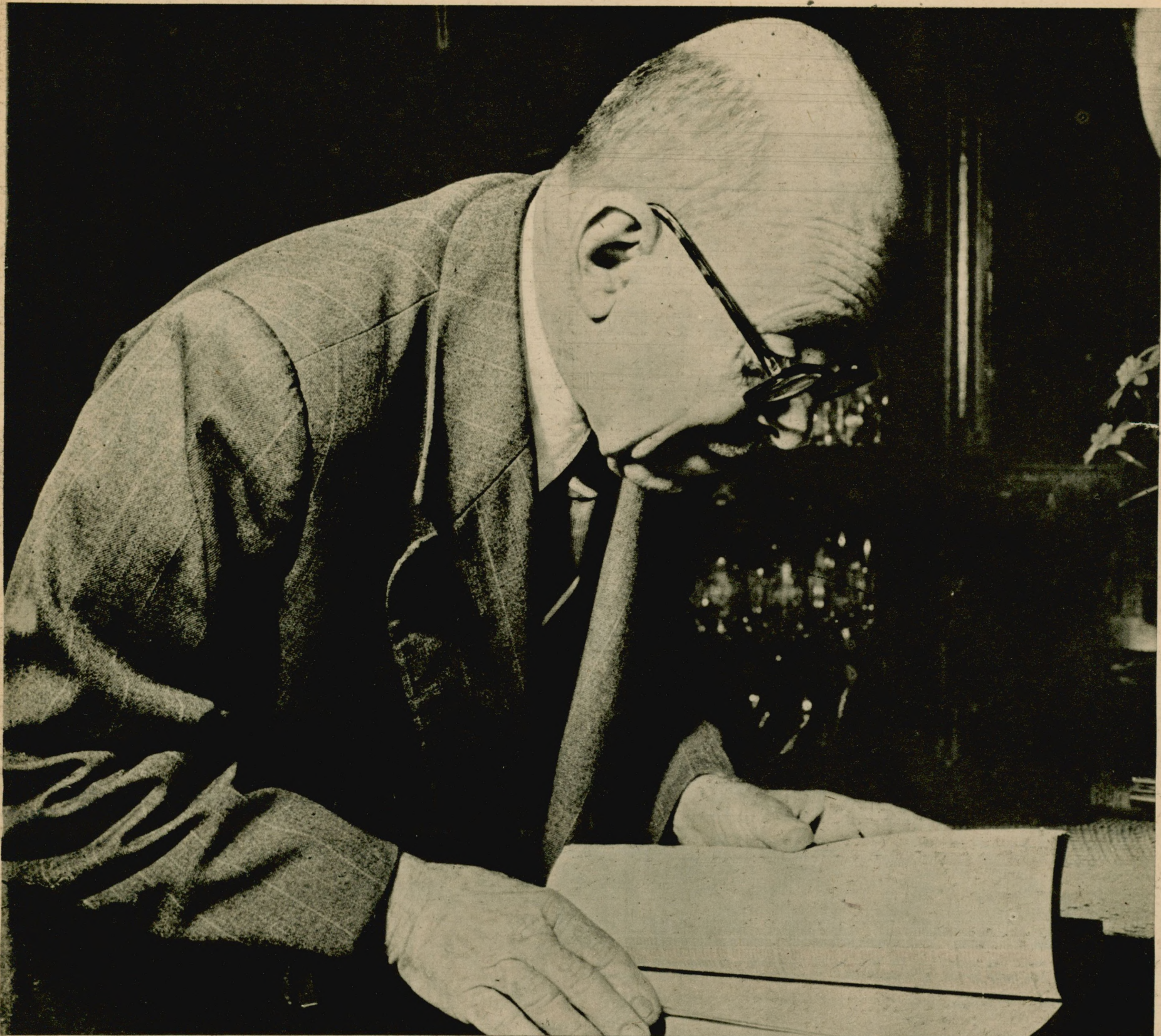


MARTE APROXIMOU-SE DA TERRA



Uma pequena multidão acorreu, sexta-feira última, até o Observatório Nacional, no morro de São Januário, para ver o planeta Marte através do telescópio, uma vez que, nesses dias, o planeta reduzia a sua distância da Terra, estando a 64 milhões de quilômetros. Em todo o mundo, os astrônomos se aproveitaram desta oportunidade para estudar e fotografar aquele mundo desconhecido. «Não há perigo, pelo menos iminente, de uma «colisão espacial» entre os dois planetas» — dizem os astrônomos, acalmando os habitantes terrestres temerosos de um choque planetário. Nas fotos acima, diferentes flagrantes do movimento de curiosos no Observatório Nacional e uma fotografia de Marte, com todos os seus sulcos ou canais.





O GENERAL KLINGER FIEL AOS IDEAIS DE 32

AFIRMA O SUPREMO COMANDANTE DAS FORÇAS CONSTITUCIONALISTAS: O BRASIL VIVÊ HOJE OS DIAS DO 9 DE JULHO DE 32

Quando excepcionais comemorações são programadas para evocar a Revolução Constitucionalista de 1932, quando o povo paulista vem para as ruas de sua capital, numa parada de civismo, cultivar a memória daqueles que tomaram em defesa da reconstitucionalização do país e enaltecer aqueles que mantêm acesos os ideais da arrancada de 9 de Julho, a expressão do pensamento do general Bertoldo Klinger é de suma oportunidade. O bravo comandante em chefe das Forças Constitucionalistas que combateram em São Paulo e Mato Grosso recebeu o repórter em sua residência, no subúrbio de Piedade. Disse ele que o Brasil vive hoje dias idênticos aos que antecederam o movimento armado de 1932.

NADA A ACRESCENTAR...

O general Klinger declarou, enfaticamente, que nenhuma palavra tem a suprimir ou a acrescentar, àquelas que constituem um dos capítulos do seu livro «Narrativas Autobiográficas», publicado no ano passado. Respeitando, inclusive, a sua singular ortografia, transcrevo o seu pensamento:

— «As mezas formozas promézas da campanha política sistematizada e encabesada pela «ALIANÇA LIBERAL», as cuaes aviam levado a Nação à revolução de outubro de 1930, agóra cada dia traidas, por asções e omissões do governo pseudo provizório emergido désa revolução — foraom a caoza profunda, esemial, da reasão armada nacional, pró Comstituição, ce eclodiu em S. PAULO, a 9 de julho de 1932.

«Esse traisão diuturna, ésa falta de palavra dese governo, inisialmente revestido — como jamaes ne-

nhum outro dos antesesores, todos saídos das compsurcadas urnas eleitoraes de ilimitado crédito de confiãmsa nacional, éra perpetrada e agravada pelo inescrupuloszo dezvirtuamento dos poderes descrisionárias asumidos pelo govérno, a darlhe a nitida estampa de absolutizmo autocratico personalista e personalisimo. Tinha ese cunho todas as minúsias dumã verdadeira dupla orjia, de perseguições a ums e munifisêmsias a outros, perseguições, apenas motivadas pela asolada casa aos empregos e cargos e vagas, sob o lema «ôte toi, que je m'y mette!»; munifisêmsias, sem consulta a nesidades do serviso, nem a justos títulos de idoneidade prezumível ou de real merecimento.

«Repercutia sobremódo semelhante escandalozo rejime — o termo ce nos perdôe es emprego, ao arrepto da camsgrada definisão — no seio das clases armadas, nélas complétamente subvertidas as nosões fundamentaes, estruturæes, de disciplina rasional, digna, de respeito á ierarcia, e de onestidade profisional dedicasão ao ezersisio da profisção».

FALTA DE LUZ E AR

O general Bertoldo Klinger insiste sempre em deixar bem claro que titinúa fiel aos ideais que o levaram a desembainhar sua espada em defesa da legalidade, em defesa dos principios democráticos que culminaram com o movimento de 9 de julho. Por isso reafirma que tem absoluta atualidade essa frase com a qual apreciou os acontecimentos de 1932.

— «Culminava o mal, sob o negrume acabrunhante do horizonte, sob a falta angustiante de luz e ar — sem a perspectiva de breve retórno à limpidez e serenidade da atmosfera, dada a procrastinação, ora ostensiva, desafiante, ora mal disfarçada, do retórno da subjugada Nação ao regime da Lei».

FILMES E CHAPAS FOTOGRAFICAS
Produtos químicos para fotografia



MATERIAL FOTOTÉCNICO

Distribuidores exclusivos

H. Schneiker & Cia.

Curitiba

Rio de Janeiro - São Paulo

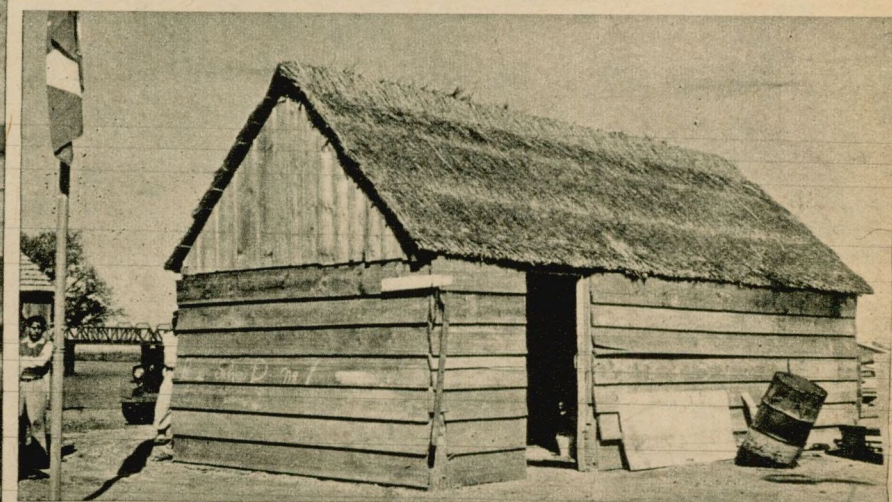
Porto Alegre

TODAS AS REVISTAS DE «O MUNDO GRAFICA E EDITORA S. A.» SÃO IMPRESSAS EM MATERIAL FOTOTÉCNICO PERUTZ

FUZILEIROS NAVAIS NA FRONTEIRA DOS PAMPAS



Tudo nos une, nada nos separa! — Do lado de cá da ponte é Brasil, com sua sentinela alerta. Do lado de lá, a hospitaleira Argentina, com suas instalações.



Eis o que se costumava denominar de Pôsto de fronteira, em Barra do Quaraí.



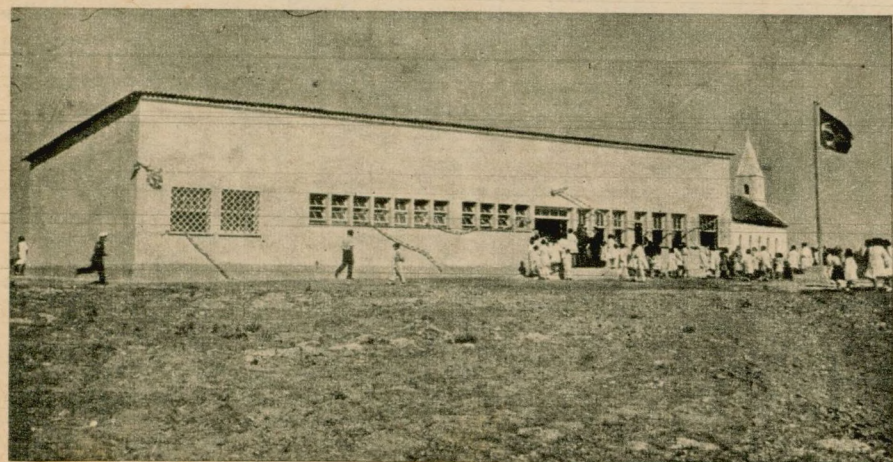
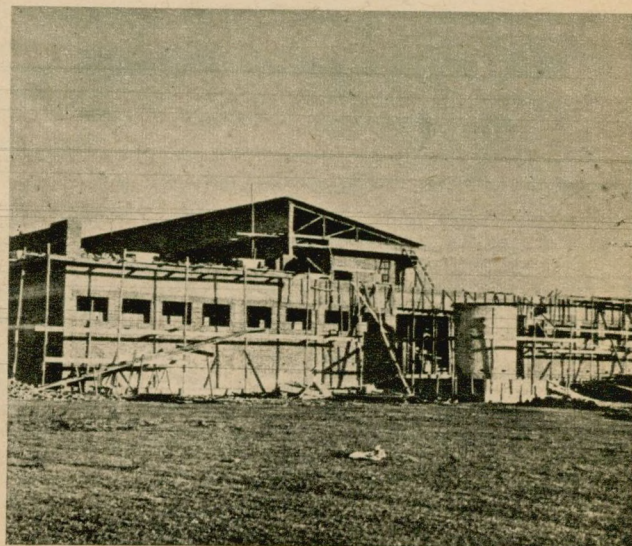
Atuais instalações do Pôsto de fronteira na confluência entre o Brasil, Argentina e Uruguai, em Barra do Quaraí. Como se vê, a Marinha está em guarda.

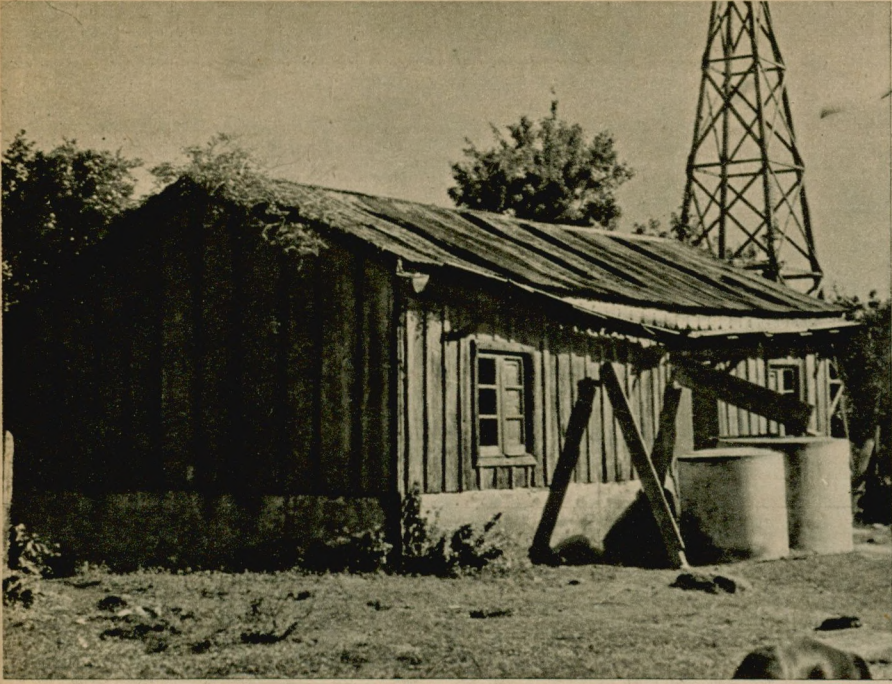


O antigo Pôsto de São Marcos, construído no alto, por causa das enchentes do rio.

Aspecto do novo Quartel Central do Destacamento de Fronteira, em Uruguaiana. Ali se deliberam as principais providências concernentes à segurança naval do Brasil.

Este é o novo Pôsto de São Marcos, moderno, com todos os requisitos de conforto e segurança necessários aos homens que ali servem, infelizmente desconhecidos e relegados a plano secundário até hoje.

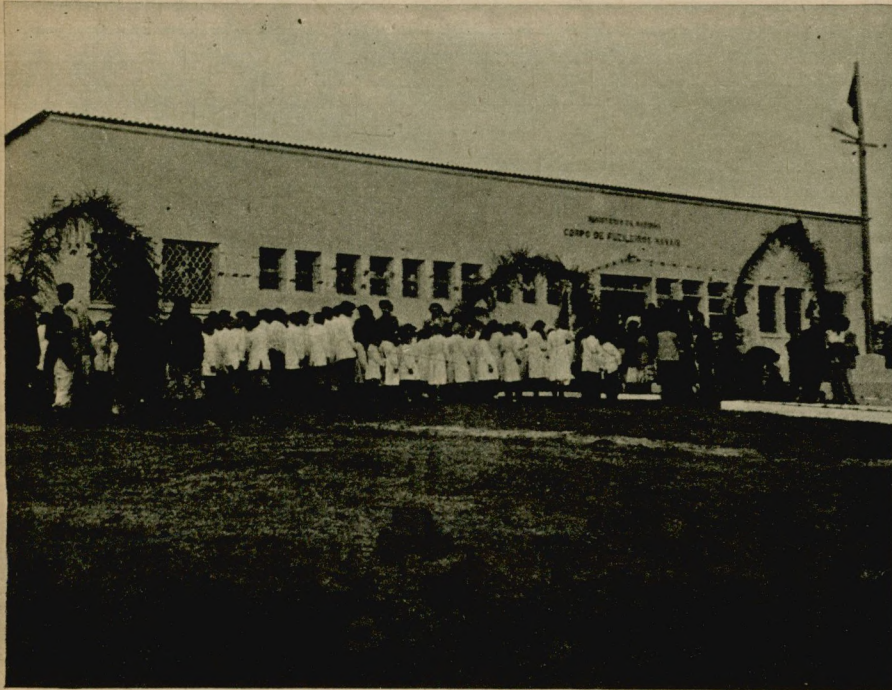




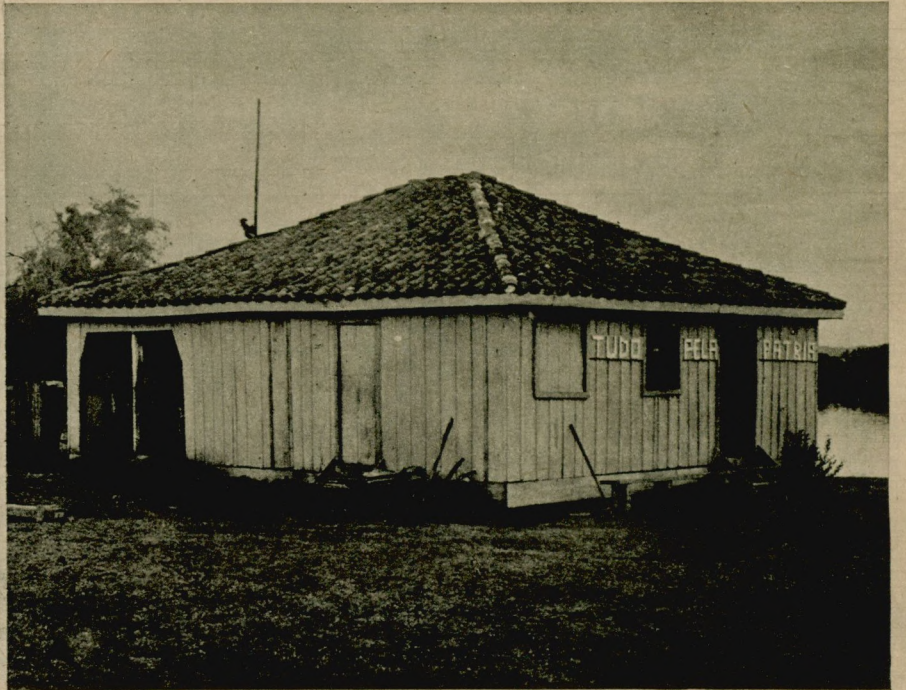
Em Garrunchos era assim, como nos demais postos ao longo da fronteira, um par-dieiro, nem sequer havendo ali um local para alojamento dos fuzileiros navais.



Ao término da construção terá S. Marcos um Pôsto com instalações moderníssimas.



Eis o contraste: um prédio novo, confortável, com todos os requintes modernos, inclusive, como os demais, com luz elétrica própria. Fruto de trabalho profícuo.



Este era o aspecto do pôsto, em Pôrto Xavier. Faltava tudo no local.

VISANDO a defesa da nossa faixa fronteiriça demarcada pela linha divisória natural entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, vem a Marinha Brasileira, na pessoa do seu titular, almirante Renato de Almeida Guillobel, acompanhado de grande comitiva, de inaugurar seis postos de Fronteira, com parte de um programa de grandes realizações que a atual administração naval esboçou e está levando à frente. Seis dos postos fixados no programa de realizações, que se diga de passagem, é bem grandioso em todo o Brasil, incluindo uma série de bases, diques, obras assistenciais, aquisição de navios, equipamento, etc., foram entregues às suas guarnições de fuzileiros navais, para o cumprimento de sua objetividade. Durante vários dias, viajando em avião da Fôrça Aérea Brasileira, em automóveis e em embarcações, a comitiva ministerial percorreu a fronteira inaugurando os postos a que nos referimos. Naã menos de 1.342 quilômetros de estradas de rodagem foram percorridos, em 8 etapas, consumindo-se cerca de vinte e oito horas e quinze minutos, no afã de ganhar se tempo para outras missões idênticas. Foram assim inaugurados com simplicidade os postos de Barra do Quarai, na confluência das fronteiras naturais do Brasil, Argentina e Uruguai, um Quartel General, em Uruguiana, e os postos de São Marcos, Itaqui, São Borja, Garrunchos, Pôrto Xavier, Pôrto Lucena, Pôrto Mauá e Alto

* * * * *
* **INAUGURADOS SEIS PÔSTOS DOS FUZILEIROS NA-** *
* **VAIS NAS FRONTEIRAS DO BRASIL COM OS PAISES** *
* **IRMÃOS ARGENTINA E URUGUAI — DEFENDEN-** *
* **DO A INTEGRIDADE E SOBERANIA BRASILEIRAS** *
* * * * *



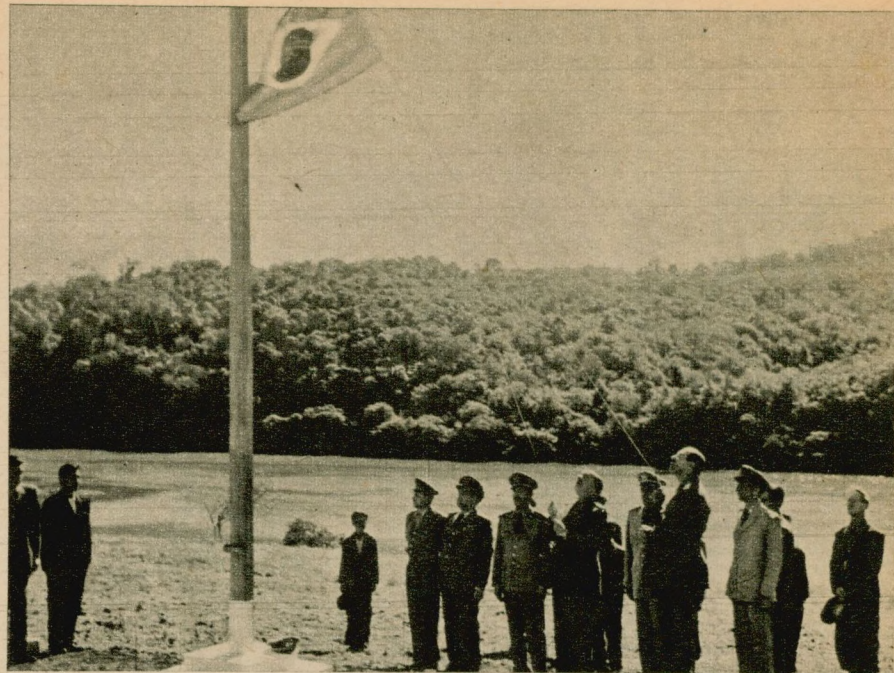
Vista das obras de melhoria e ampliação do pôsto situado em São Borja.

Uruguai. Cada pôsto será comandado por um sargento que terá sob suas ordens diretas doze praças, devidamente equipados e aparelhados para o policiamento e repressão ao contrabando. De há muito se fazia necessária essa providência, bastante humana aliás, de dotar condignamente a Fronteira de Postos compatíveis à vida e à missão do fuzeiro naval, que vivia, conforme atestam as fotos desta reportagem, em autênticas favelas, sem qualquer espécie de conforto ou higiene, e à mercê do perigo de toda a espécie. Por toda a extensão da fronteira, que mede cerca de 500 quilômetros, a falta de policiamento permitia a concentração de péssimos elementos, foragidos, egressos da sociedade, num aglomerado que se constituía em foco permanente de distúrbios. A impunidade das pequenas e grandes transgressões, desde o simples roubo até os crimes de morte, bem como a prática abusiva do comércio ilícito — o contrabando — de margem à margem, determinou de parte das autoridades do Brasil e da Argentina uma série de providências enérgicas, visando eliminar de vez o problema. Tais ocorrências eram prejudiciais aos dois países amigos, com a evasão de suas economias, na prática do comércio ilícito, e também contribuindo para que as regiões ficassem ao abandono, inexploradas as suas terras e a sua pecuária. A presença dos fuzileiros navais, cooperando com o policiamento e agindo drásticamente na repres-

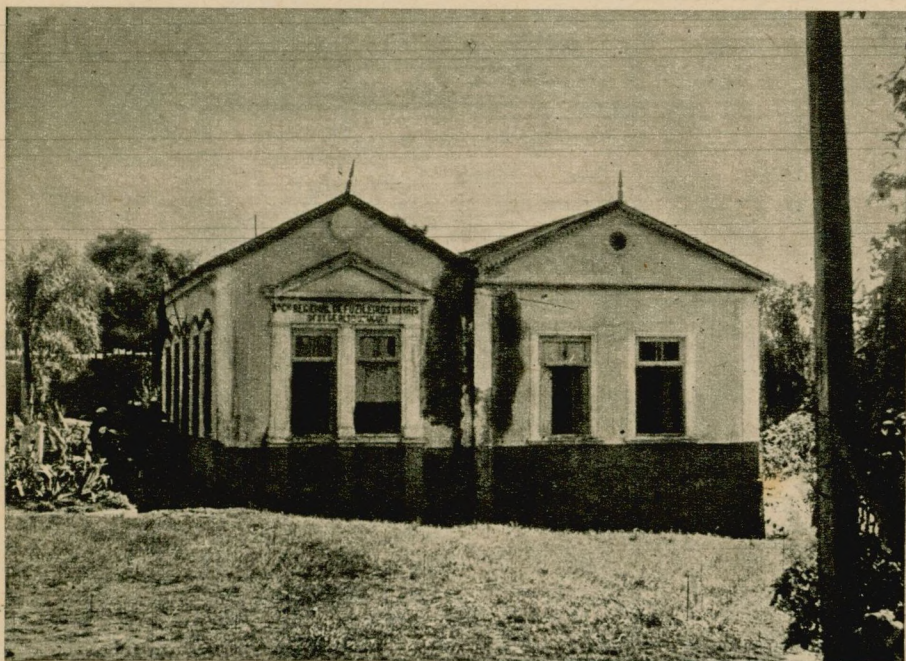
TEXTO DE WALTER JOSÉ PAULON, FOTOS DE RAUL BARRETO



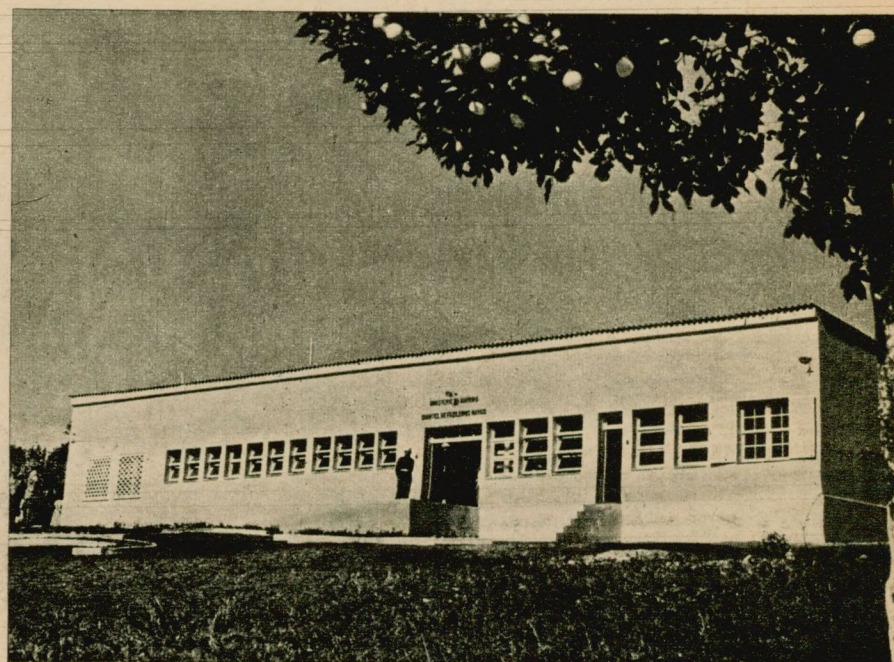
O titular da Marinha em companhia de dois membros de sua comitiva, Almirante Carneiro e Jorge Leite, além de uma autoridade local, inspeciona as docas.



O ministro da Marinha, Almirante Renato Guillobel, içando às margens do rio Uruguai, o pavilhão nacional. No lado oposto, na mata, o território argentino.



Esta era a melhor instalação dos Postos, no Alto Uruguai. Deixava muito a desejar.



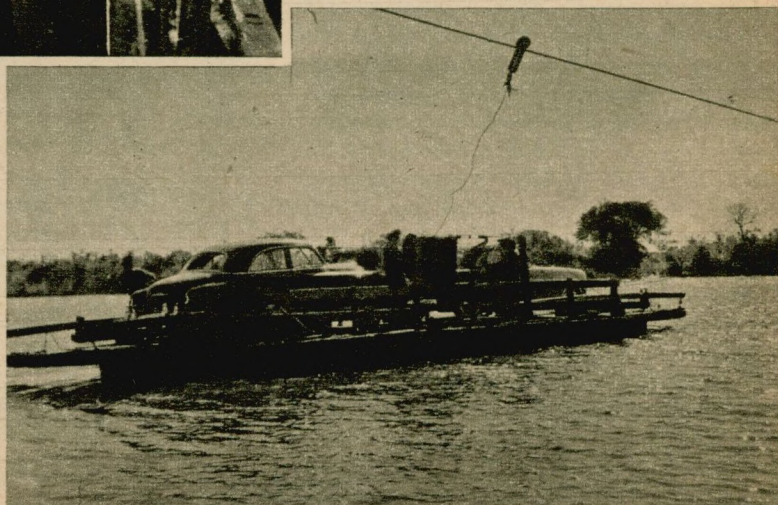
Atual sede do Pôsto de Fronteira no Alto Uruguai, na divisa com a Argentina.

são ao contrabando vem apressando a regeneração dos indivíduos marginais, indicando-lhes o caminho do bem. Aquelas regiões estão sofrendo uma transformação, começando a surgir núcleos de lavoura, de agricultura, para se bastar a si próprios e a fornecer suas sobras aos municípios próximos, ao mesmo tempo que se aproveitam homens até então fadados ao crime e ao contrabando.

A Marinha está prestando um grande serviço ao Brasil, dentro da sua missão primordial, alfabetizando e indicando o rumo certo àqueles nossos patriotas que a incúria das administrações passadas parecia ou fingia desconhecer.



Aspectos da comitiva ministerial quando atravessava, em balsa, o rio Icamaquã, que separa São Borja de Garrunchos. A viagem do ministro da Marinha deu novo impulso às obras que ali se estavam realizando e também incentivou os homens que lá se encontram a serviço do Brasil.



Várias áreas estão cobertas de lavoura, unindo agricultores e suas famílias, ao mesmo tempo que todos se unem na solução de problemas culturais, contribuindo para o fortalecimento moral de uma geração que a sucederá, sem os vícios do passado, sem a marca do desregramento e da devassidão que as facilidades do contrabando proporcionava. Este é um grande trabalho que a Marinha de Guerra Brasileira está prestando ao país, mercê o descortino dos seus dirigentes, dignos de considerações. Que os exemplos frutifiquem, para a felicidade do nosso povo e do Brasil.

A vida em Manaus em 1907 era das mais agra-
dáveis que se podia conceber. Um grupo de
intelectuais de elite afluía, de todos os Esta-
dos, em busca de aplicação remuneradora de
suas atividades. Trajano Chacum, Wortgerart Luiz
Ferreira, Virgílio Barboza, Hércules Weaver, Firmo
Dutra, Crespo de Castro, Araujo Filho, Taumaturgo
Vaz Figueiredo, Otávio Rodrigues e tantos ou-
tros criaram um ambiente único, que tornava a nos-
sa existência um verdadeiro encanto, fazendo-nos
esquecer as preocupações de cada dia. As tertúlias
diárias na farmácia de Zorobabel ou nas livrarias da
Avenida Eduardo Ribeiro atraíam. Nesta época,
Hércules Weaver, constante leitor de revistas in-
glêsas, preconizara o colapso econômico da Amazô-
nia, como consequência da plena produção dos se-
ringais, plantados no Oriente pelas companhias in-
glêsas e malaías, que entrariam em plena produção,
expulsando dos mercados a borracha fina nativa,
cujo preço, então, oscilava em torno de uma libra
esterlina por quilo. Todos acreditávamos no apareci-
mento de um fungo qualquer que sacrificasse as plan-
tações malaías, em proveito da produção nativa, que
fazia a prosperidade da Amazônia. Passou-se, en-
tão, a processar a substituição do Cel. Constantino
Nery no governo do Amazonas, recaindo a escolha
dos proceres políticos em um obscuro Cel. de Roça,
de nome Antônio Bittencourt, homem atrasado e
inimigo de todos os forasteiros. Constantino Nery,
educado na Escola Militar, era um espírito brasilei-
ro, preocupado em angariar valores reais, sem se
preocupar com o local do nascimento de cada um.
A escolha de Antônio Bittencourt dera início a uma
nova era na política Amazônica, fácil para os cabos-
los e hostil aos filhos de outros Estados. Começou,
logo depois, a campanha de reação que teve como
epílogo a revolta de Outubro de 1910, que depôs
Bittencourt, provocando uma campanha de ridículo,
que aniquilou todos os esforços do velho político. Em
1908 recebi a liquidação de vários contratos feitos
e resolvi empreender uma viagem de estudo à Eu-
ropa, embarcando no paquete alemão «Rhetia», fa-
zendo em nove dias a travessia de Belém a Lisboa,
onde aportei saltando em companhia de um caucheiro
peruano, Don José Maria Ramirez, um tipo inter-
essante de sul-americano selvagem, que ia se des-
lumbrar com os requintes da civilização. Naqueles
tempos, ainda se viajava sem passaportes ou quais-
quer documentos de identidade, penetrando-se, li-
vremente, em tôdas as fronteiras. O intercâmbio de
turistas da Amazônia para a Europa era mais fre-
qüente do que para o sul do país. Os europeus vi-
nham à Amazônia a miude e uma compa-
nhia inglêsa mantinha uma linha regular de vapor
até Iquitos, sulcando o Amazonas em ambas as
direções. Minha excursão ao Velho Mundo durou
seis meses e neste interregno consegui familiarizar-
me com usos e costumes, fazendo relações que se
tornaram bem úteis no curso de minha existência. De
regresso da Europa, encontrei já no governo o Cel.
Antônio Bittencourt e era Prefeito da Capital seu
filho, o professor Agnello, muito amigo de um cole-
ga, Lourenço Thony, ao qual me associei para os
trabalhos de construção da Avenida Treze de Maio,
que se puseram em andamento sob a minha direção.
Consequira, também, a concessão de um mercado

MEMÓRIAS

GERALDO ROCHA

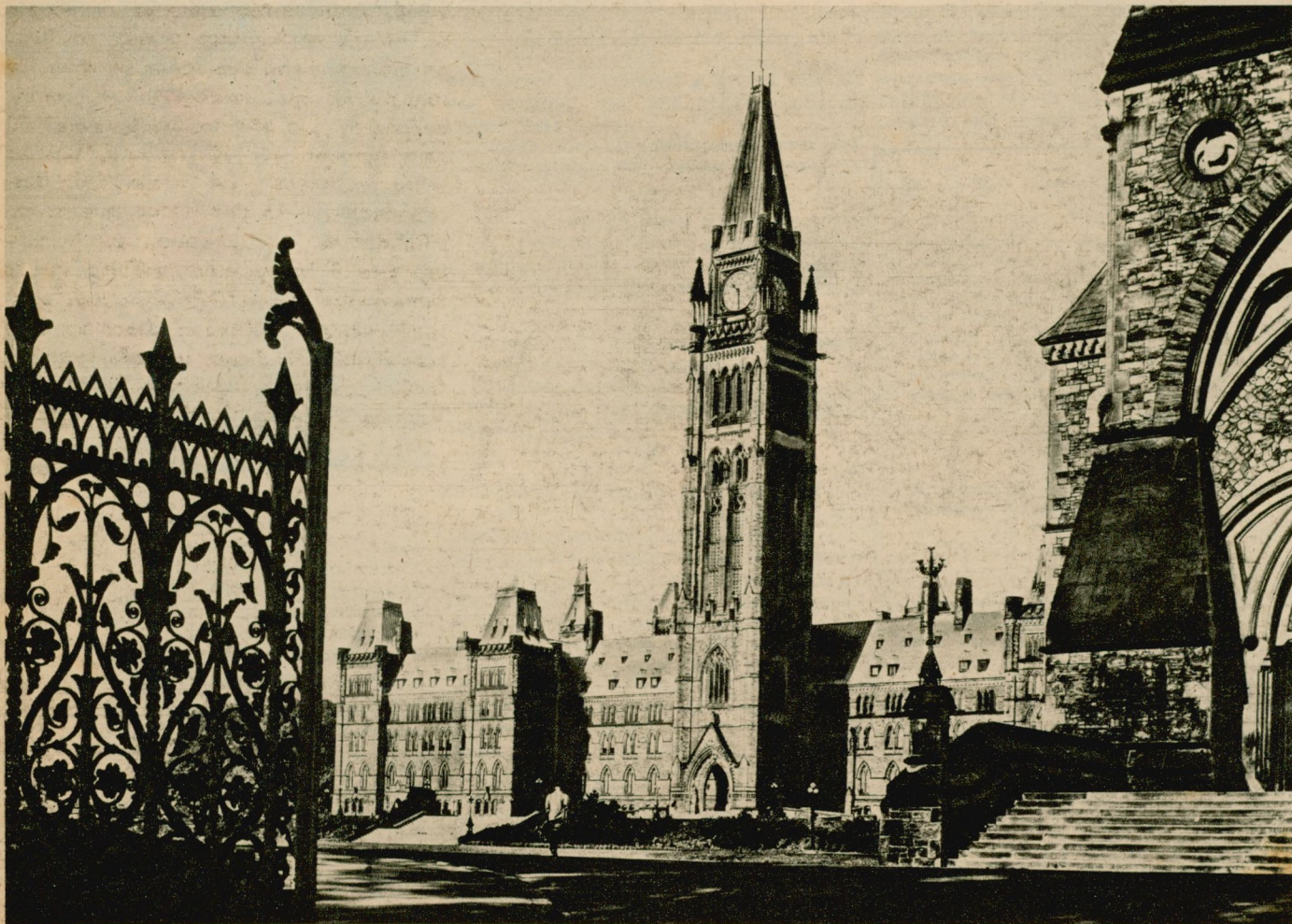
CAPITULO XV

na cidade de Itacoatiara e tudo seguia, normalmen-
te, até que, em Outubro de 1910, acordei com uns
tiros de canhão que alarmaram a capital. Sai de
casa para me informar do acontecido e me dirigi a
residência do meu colega, Otávio Rodrigues. A em-
pregada me informou que Otávio estava no quartel
do 26º Batalhão de Caçadores, que se encontrava em
revolta, combatendo contra a polícia do Estado.
Dirigi-me, então, para o quartel da unidade do
exército e lá encontrei o meu colega e amigo, Otávio
Rodrigues, comprometido na intentona. Fiz ver, en-



O Teatro da Ópera de Manaus assinala a fase de esplendor do Amazonas.

tão, à Otávio a má situação em que se encontravam
os seus amigos, fazendo tudo o que era possível para
afastá-lo do movimento subversivo em que se mete-
ra. Otávio me fez ver o seu dever de solidariedade,
excusando-se por não me haver posto ao par do
movimento projetado, pelo juramento de segrêdo a
que se comprometera. Esgotados todos os meios pos-
síveis para retirar o meu amigo da má situação em
que se encontrava e considerando baldados todos os
meus esforços resolvi, então, entrar no movimento,
embora com sacrifício de todos os meus interesses.
Combinamos, ainda, que eu desceria o Amazonas em
uma lancha para ocupar a cidade de Itacoatiara, de
onde poderíamos nos comunicar com o Rio de Ja-
neiro, sede do governo de quem dependia a nossa
vitória. A flotilha fluvial, constituída por cinco ca-
noeiras de guerra, comandada pelo bravo Comodo-
ro Costa Mendes, resolveu aderir ao movimento das
fôrças do exército, comandadas pelo bravo Cel. Pan-
taleão Teles e alguns disparos de canhão levaram o
velho coronel a capitular, transmitindo o governo ao
vice-governador Sá Peixoto, um jovem de grande
bravura e de um sangue frio digno de admiração.
Passando o governo, o Cel. Bittencourt se dirigiu a
Belém, de onde os seus amigos se puseram em cam-
po junto aos poderes públicos federais, ordenando en-
tão, a Presidência da República, que o General Pedro
Paulo, comandante da região de Belém, viesse com
fôrças empossá-lo de novo no posto do qual o havia
afastado a força federal. Sob tal proteção o
velho reassumiu o governo, não restando a ne-
nhum dos seus adversários outro recurso além do de
exilar-se, em busca de um meio menos hostil para
ganhar a subsistência. Embarquei, então, de Itacoa-
tiara rumo ao Rio de Janeiro, aqui encontrando
o meu mestre e amigo, Dr. Afonso Glycerio da Cunha
Maciel como chefe de gabinete do Ministro Seabra,
então ocupante da pasta da Viação. Por interferência
do meu bondoso amigo fui incluído na comissão de
estudos da Avenida Rio Petrópolis, posto que assu-
mi imediatamente, iniciando uma vida nova, após
considerar perdido todo o tempo que trabalhara na
Amazônia. Fui, então, acampar em plena serra,
onde, tendo como auxiliares Ozeas Motta e outros
companheiros, trabalhei com afinco, fazendo os es-
tudos do trecho mais difícil e acidentado da referida
rodovia. O ministro Seabra e o meu velho amigo e
mestre Afonso Maciel não se esqueciam da minha
situação e, logo depois, me convidaram para chefiar
a linha da Oeste de Minas, cargo que recusei, per-
mutando com o meu colega, Ignácio Martins, que
não podia se manter na posição de Chefe da Comissão
Construtora da Madeira-Mamoré. Quando me apre-
sentei ao Ministro, solicitando o posto, este meu
grande amigo se alarmou, perguntando se pretendia
suicidar-me e lhe respondi que contava com a minha
resistência física e que se escapasse teria feita a
minha carreira. Seabra, bondosamente, acedeu aos
meus desejos e, assim, parti como chefe do primeiro
distrito da Inspeção de Estradas, vencendo, men-
salmente, três contos de réis, que correspondia ao
subsídio de um senador na época. Ignácio Martins foi
para a Oeste de Minas e assim se iniciou uma nova
fase da minha vida profissional. Doei, antes, tudo
quando havia ganho no Amazonas aos que me haviam
auxiliado durante o tempo em que lá vivi.



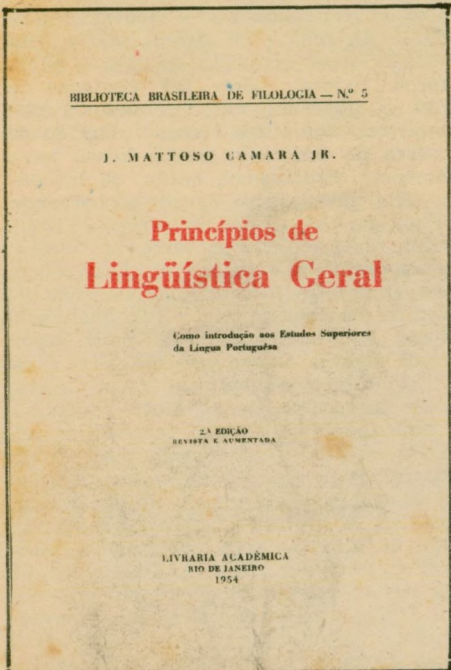
Armas do Canadá.

A TORRE DA PAZ, COM O SEU
CARRILHÃO DE 52 SINOS, DOMI-
NA O CONJUNTO ARQUITETÔNICO
DO EDIFÍCIO DO PARLAMENTO EM
OTTAWA. NO DIA 1º DE JULHO
DE CADA ANO O CARRILHÃO LAN-
ÇA NO ESPAÇO O TRINADO FES-
TIVO DOS SEUS SINOS, MARCAN-
DO A PASSAGEM DE MAIS UM
ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊN-
CIA DO CANADÁ.

ADRIANO Pinto — rua Cosme Velho, 285.

J. Matoso Câmara Junior
PRINCIPIOS DE LINGUISTICA GERAL
(Livraria Acadêmica, brochura, 350 páginas).

É de justiça reverenciar na pessoa do sr. Henrique Alvarez da Cunha, diretor da Livraria Acadêmica, o editor inteligente e corajoso. Só um homem a quem tais qualidades norteiem e inspirem se disporia a lançar os livros que constituem a Biblioteca Brasileira de Filologia de que «Princípios de Linguística Geral» é o quinto volume. Ainda recentemente comentamos aqui o aparecimento de «Princípios de Gramática Histórica», do filólogo Ismael de Lima



Coatinho, livro que o autor escreveu para atender às exigências do programa do Curso Ginásial, segundo a reforma Francisco Campos, e que a Livraria Acadêmica julgou acertado oferecer agora aos estudiosos, de modo geral. Anteriormente publicara «Dificuldades da Língua Portuguesa», de M. Said Ali. «Manual de Filologia Portuguesa», de Serafim da Silva Netto e «A Gíria Brasileira», de Antenor Nascentes. É verdade que a coragem do editor promovendo esses lançamentos já não pode ser qualificada de loucura, pois, de fato, graças sobretudo à criação das Faculdades de Filosofia, muito se tem acentuado e difundido o interesse pelos assuntos de lingüística e filologia. Estudar linguagem já não é somente decorar a gramática e catar exemplos nos clássicos.

Dão disso exemplos numerosos estudiosos, quase todos jovens, entre os quais se apontam um Ismael de Lima Coutinho, um Serafim da Silva Netto, um Gladstone Chaves de Mello, um Silvio Elia, um Jesus de Bello Galvão, além de outros. O autor de «Princípios de Linguística Geral», sr. J. Matoso Câmara Jr., é dos que mais se têm destacado na dedicação ao estudo dos problemas da linguagem, cientificamente. É o que se verifica inclusive em seu último livro, já em segunda edição. Começa por determinar o conteúdo e escopo da lingüística, estuda os fonemas ou unidades de formação, sílaba e vocábulo fonético, significações lingüísticas, espécies de vocábulos, a estrutura da frase, evolução lingüística e fonética. Livro de ciência, sob influência do que há de mais moderno, como o prova a bibliografia invocada, de mais de duzentas obras. O autor destina o seu trabalho a servir de introdução aos estudos superiores da língua portuguesa.

ORQUÍDEA é o título do romance que acaba de publicar Oliveira e Silva, conhecido já como poeta, teatrólogo e contista. Deu-se bem o autor em sua estréia no romance. No exercício da judicatura encontrou material farto de observação da criatura humana. Dê-se vale agora, proferidas as sentenças, para fixar retratos e estudos d'alma. ORQUÍDEA é romance melancólico, à Machado de Assis e Lima Barreto, talvez porque o romancista tenha escolhido as suas personagens entre os que batem às portas dos tribunais. Oliveira e Silva confirma suas qualidades de domínio da língua e sabe produzir magníficas descrições de paisagens, as naturais e as humanas.

Em POESIA DE NINGUÉM mandamos mais uma mineira, Celina Ferreira, páginas de boa poesia.

Veja-se esta magnífica revolta:

São minhas as vozes que sucumbem no [quotidiano].
São meus os braços que se levantam, [revoltados]
com a tempestade do mar.
São minhas as palavras de impreciação de todos os condenados. E são tantos [os condenados]
que morrem nas prisões sombrias...
Tôdas as decepções aventadas. Todos [os gritos]
em hipótese. Tôdas as queixas. E qual [quer palavra]
que nem se ousa formular sufoca-se na [minha garganta]
Ah! por que eu me divido em tantas [bôcas que pedem,

FALAM OS AUTORES

A Seção de publicidade da Editora Nacional, na rua do Ouvidor, é ponto de encontro fortuito de professores de ensino secundário, desses que dão dez aulas diárias e só vêm ao centro da cidade para apanhar um livro que o editor lhes oferece, como aos médicos os laboratórios oferecem amostras de drogas.

Encontravam-se há dias, no grande salão da Editora, vários professores, entre os quais Mecenas Dourado, que editava ao ouvido de um e de outro suas últimas maldades. Falava-se de colégios desonestos, desses que não vendem exames com pagamento à vista e sim em prestações mensais... Foi quando o autor de ERASMO e concorrente do sr. Pedro Calmon à cátedra de História, no Pedro II, contou o caso:

— Eu estava na Secretaria do Colégio, ao lado do diretor, quando chegou o aluno.

— Magnífico, Fulano, magnífico! Foi ótimo você ter aparecido! exclama o diretor.

E acrescenta:
— Você tem de requerer até amanhã sua inscrição nos exames de segunda época.

— Como, doutor? — indaga o rapaz. Reprovado, eu?

E o diretor:
— Então o Senhor ignora que foi reprovado em duas matérias?

Ao que o aluno retruca:
— Deve haver engano, doutor, deve haver engano. Eu não posso estar reprovado. Eu tenho prova, doutor.

E retirando da carteira um papel de recibo:
— Pronto, doutor, pronto! Eu não disse, doutor?

Eu sabia que estava quite com o colégio...

O dr. Wandick Londres da Nóbrega, catedrático do Colégio Pedro II e da Faculdade Nacional de Direito, prepara uma tradução da CIDADE DE DEUS, de Santo Agostinho.

ANTOLOGIA DE CARNAVAL, livro organizado por Wilson Louzada e lançado por Edição Cruzeiro, já não é uma novidade. Merece ser lembrado, entretanto, que nele se lê páginas sobre o Carnaval assinadas por Manoel Antônio de Almeida (1831-1861), Machado de Assis (1839-1908), Vieira Fazenda (1847-1917), Artur Azevedo (1855-1908), João Ribeiro (1860-1934), Coelho Netto (1864-1934), Olavo Bilac (1865-1918), Graça Aranha (1868-1931), Luiz Edmundo, João do Rio (1881-1921), Lima Barreto (1881-1922), José do Patrocínio Filho, Graciliano Ramos, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, José Lins do Rego e muitos outros. Trata-se de uma verdadeira poliantéia sobre o Carnaval.

O poeta Manuel Bandeira não é propriamente um católico, mas visita frequentemente o mosteiro de São Bento. Quando lá apareceu pela primeira vez, passou o dia com os monges acompanhando-os na igreja, no recreio, no refeitório. Muito sensibilizado deixou como impressão estes versos:

Manuel Bandeira,
quanta besteira!
Por que não ousa
assinar logo
Manuel de Sousa?

e tantos olhos famintos, em tantas vozes [feridas]
e em tantas mãos crispadas pelo ódio? E por que meu inexplicável partilhar [da fome]
e da miséria? E por que a sutileza do [ouvido]
captando somente revolta? E por que [meus olhos]
restringindo a imagem a uma face de [reverso impossível!]
E porque minha pequenez diante de [tudo que é dar?]
E porque meu desespero ante tudo que [é irremovível]
desde que o Mundo é caos? E noite? [E verbo?

Ou então, em HUMANIDADE:

Já não aceito a humilhação mesquinha de um homem por um homem, não [por Deus].
Do servo pelo dono, do empregado em busca do argumento mais patético.

Do possuidor à posse temporal. Daquêle que se curva pelo pão ou pela glória. Tudo que alimenta também corrompe quando é servidão.

Prefiro o gesto simples, comovente de quem se curva para vêr a flor ou dentro de si mesmo se ajoelha e diz — Meu Deus, meu grande Deus, [pequei].

TEMPOS IDOS, de Alaciél Prado, em edição Pongetti, é um romance que nos vem de Minas Gerais, em cujas páginas, muito bem construídas, o autor focaliza a realidade social e política da terra montanhês. O romance é vivido em um município mineiro, entrando nele, como motivação, o latifúndio, a miséria de uns e o usurarismo de outros todos unidos para a devastação do solo e o empobrecimento do povo. Alaciél Prado transporta para o romance o cenário político e social de sua terra, cenário aliás bem melancólico.

Correspondência de NO MUNDO DAS LETRAS:

Nelson Marques — Rua Frei F. Sampaio, 153 — Santos.

Remetemos sua carta à Livraria do Globo.

Catulo da Paixão Cearense
O MILAGRE DE SÃO JOÃO
(Livraria Para Todos, brochura, 164 páginas, 6.ª edição).

Trata-se de um poema-teatral, musicado, seguido de uma poliantéia sobre Catullo. Não é dos seus melhores trabalhos no gênero que o popularizou em todo o Brasil. Lê-se, entretanto, com a simpatia e o agrado que sua poesia pitoresca desperta. Ele, o poeta, sabia-se



estimado e não admitia mesmo vozes discordantes, contra as quais escreveu:

Zoilos! Parvos cretinos!
Criticóides pequeninos!
Passadistas refratários!
Futuristas — legionários dos maiores desatinos!
Poetastro retardatários!
Reis e Príncipes cretinos!...

Vêde, pobres cerebrinos minha glorificação!

Numa dessas noites belas, tôda branca, tôda nua, noite de recordação, eu ouvi Deus e seus anjos, em serenata às estrelas, cantando dentro da lua o meu «Luar do Sertão».

Excusez du peu!

CURIOSIDADES

Em uma das favelas desta Capital instalaram-se há pouco as "pequenas irmãs" do Padre Foucaud. São religiosas que se destinam a viver a vida do pobre. De acordo com o espírito da congregação, não pregam, não catequizam. Limitam-se a viver com o pobre, onde vive o pobre, onde ele trabalha. Instalam-se em um barraco dividido em três partes destinadas à vida da comunidade, à capela e ao dormitório. Como os pobres carregam água à cabeça, as "pequenas irmãs" também carregam. Vivem dos salários que ganham nas fábricas, como operárias. Presentemente existem na favela do Rio quatro religiosas, sendo três jovens francesas e uma brasileira, de conhecida família de São Paulo. Nenhuma delas atingiu a idade de trinta anos. Para os jarelados elas são as "irmãzinhas".

Até 1910 os jornalheiros apregoavam no Rio os seguintes jornais da tarde: A Notícia, Tribuna, O Século, Gazeta da Tarde e o Jornal do Comércio. E revistas: Nick Carter, Sherlock Holmes, Mala da Europa e a Leitura Para Todos.

O atual teatro João Caetano é o mais antigo teatro da cidade. Começou a funcionar a 12 de outubro de 1813 com o nome de "Real Theatro de S. João", em 1831 chamou-se "Constitucional Fluminense", tomando o nome de "Theatro São Pedro de Alcântara" em 1833. Sofreu quatro incêndios.

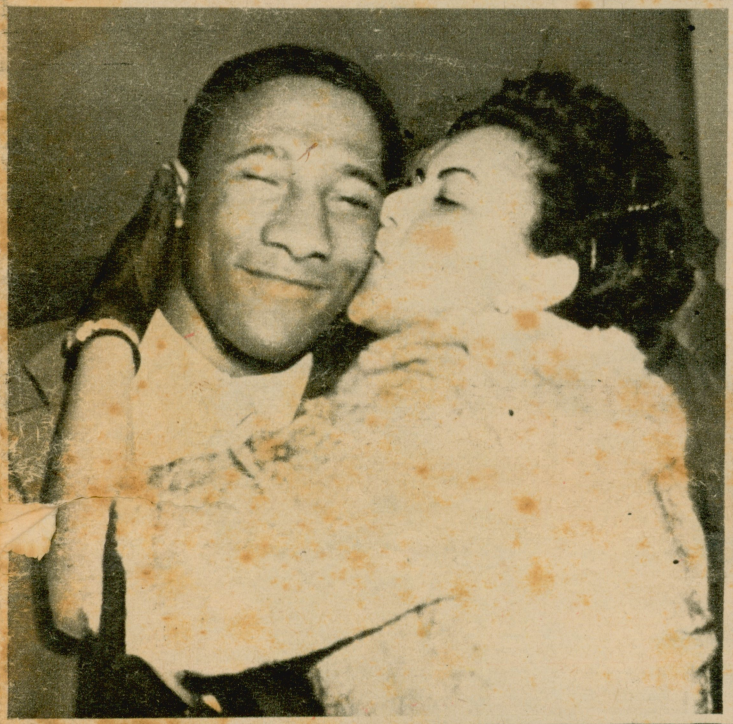
O Museu Nacional foi criado no governo do vice-rei Luis de Vasconcelos, sob o nome de "casa dos pássaros", e instalado no Campo da Lampadosa, no lugar da atual igreja do Sacramento (Avenida Passos) em frente à lagoa da Panela...

O atual Colégio Pedro II foi primitivamente o Seminário dos Orfãos de São Pedro; depois, São Joaquim. Em 1837 tomou o nome de Imperial Colégio D. Pedro II, que foi mudado em novembro de 1889 para Instituto Nacional de Instrução Secundária.

"MISS BRASIL" É BAIANA!

MARTA ROCHA. Um nome. Mas um nome que exprime a beleza, a graça, a elegância e a vivacidade da mulher brasileira. Com êsses predicados e dezoito primaveras, a graciosa baiana vai levar aos Estados Unidos a esperança de cinquenta e quatro milhões de patricios que não abandonarão por um instante a sua embaixatriz. Marta venceu suas concorrentes da «boa terra». Chegou ao Distrito Federal e enfrentou as beldades dos diferentes Estados, totalizando os votos de tôda a comissão julgadora. «Miss Bahia» transmutou-se, assim, em «Miss Brasil». Resta, agora, voar para os Estados Unidos e lá, em Miami, alinhar-se às belezas sedutoras de todos os Continentes. Daqui do Brasil, sabe Marta Rocha que a torcida é grande, única, absoluta. Em Long Beach a jovem baiana, a representante da formosura brasileira conquistará (é o que todos almejamos) uma colocação condigna. Conquistará... quem poderá afirmar o contrário, o título de «Miss Universo». (As fotos de Egon Hasenberg apresentam Marta em algumas pões especiais para esta revista. E apresenta, também, a Mamãe Hansa, padrão de dignidade da mulher baiana e tão bonita quanto a filha Marta). A conquista do título é o que auguramos para a bonita jovem patricia.





Uma pequena multidão composta de familiares e torcedores atorreou ao Galeão para abraçar os bravos jogadores brasileiros que regressavam da Europa. Indio, foi um dos primeiros a desembarcar e suas palavras sobre a atuação do Brasil na «Copa do Mundo» foram as de mais sincera e justa revolta contra o esbulho sofrido pelo nosso quadro na peleja decisiva travada contra a Hungria. Djalma Santos, Julinho, Nilton Santos, Castilho, Eli, Pinheiro, Didi, Maurinho, Humberto, enfim, todos os craques mostravam-se alegres por pisar o solo pátrio, abraçando e beijando seus parentes ao mesmo tempo que se apresentavam acabrunhados por não trazer junto, o cobiçado troféu. Mas, se isto não o fizeram foi por circunstâncias independentes da capacidade técnica do conjunto, mas sobejamente conhecidas de todos.



RETORNAM OS JOGADORES BRASILEIRO